

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITARATURA

MISTÉRIOS DA CRIAÇÃO LITERÁRIA

KÁTIA REBELLO

Florianópolis, 20 de Maio de 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

MISTÉRIOS DA CRIAÇÃO LITERÁRIA

KÁTIA REBELLO

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Santa
Catarina, no Curso de Mestrado
em Teoria Literária, com a
orientação do Prof. Dr. Lauro
Junkes.

Florianópolis, 20 de Maio de 2003.

Resumo

Os mistérios da criação literária surgem diante dos olhos dos próprios autores quando escrevem suas obras. Alguns teóricos tentam desvendar a vida do autor através da sua obra. Outros não crêem num entrelaçamento tão profundo entre um e outro.

Alguns autores tentam explicar o modo como criam, entretanto, às vezes, é difícil para os teóricos não ficcionistas absorverem tal compreensão pelo fato de não lidarem com a arte da criação.

Quando os escritores relatam suas experiências em criarem suas personagens, demonstram intimidade com esses seres de ficção.

O romance como exemplo da parte teórica, traz a possibilidade de analisar a criação literária, através de uma personagem escritora nos seus momentos de criação.

Na teoria como na produção do romance, os mistérios da criação literária são significativos na vida e na obra do autor.

Abstract

The mysteries of the literary creation arise in front of the authors' eyes when they write their books. Some theorists try to describe authors' life through their books. Others don't believe in an engagement so deep between one and the other.

Some authors try to explain how they create, however, some times, it's difficult to the non fictionists theorists absolve this understanding because they aren't used to create art.

When the writers talk about their experiences creating characters, they show a close living with them.

The novel as example of the theory part, brings the possibility to analyze the literary creation through the experience of one character who is a writer.

In theory as in this novel the mysteries of the literary creation are important in the authors life as even in their books.

Sumário

Introdução.....	7
1. A criação literária.....	9
2. Mistérios da criação literária.....	54
2.1.A criação.....	55
2.2. A vida e a obra.....	90
2.3. Pessoas e personagens.....	158
Conclusão.....	169
Bibliografia.....	171

Introdução

Ao discorrer sobre os mistérios da criação literária nesta dissertação, objetivou-se desmistificar e elucidar o trabalho do autor na sua criação.

Divide-se em duas partes: primeiro, a teoria; segundo, como prática, ao invés de aplicar a teoria na análise de uma narrativa, optou-se pela produção de um romance.

Na primeira parte, o depoimento de escritores sustenta e atesta a importância e o envolvimento do autor na sua obra. A criação das personagens sugere a convivência desses seres também com a vida do escritor.

A teoria é colocada em prática com a produção de um romance. Ao dividir este romance em três partes - *A criação*, *A vida e a obra* e *Pessoa e personagens* - tem-se a possibilidade de observar, através da ficção, alguns mistérios da criação literária.

Na primeira história, *A criação* – uma escritora deixa entrever os subterfúgios, os meios, as ferramentas de que se serve no seu processo de criação. O surgimento das personagens, o discernimento para inseri-los no

texto. A liberdade a elas concedida e a luta de uma personagem “avulsa” incentivando a autora na criação.

Na segunda história, *A vida e a obra* – uma estudante de mestrado opta por analisar a obra da escritora da primeira história e decide, por conta própria, procurar a autora do livro, na esperança de descobrir conexões da autora com a sua obra.

Na terceira história: *Pessoas e personagens* – a autora, protagonista de *A criação*, volta a narrar a história. Desenvolve o seu segundo romance e, afinal, logra inserir a personagem “avulsa” no enredo que escreve. Atesta, no seu caso, para a estudante de mestrado, o quanto a sua obra e a sua vida se mesclam e se moldam, enriquecendo a sua vivência e completando-a.

Do processo de criação literária podem aflorar questionamentos, como os seguintes, que dificilmente comportarão respostas científicas: É possível a personagem dominar o texto, deixando para o autor a posição de mero observador das suas ações? Conhecer o autor interfere na compreensão da obra? É possível compor a personalidade de um autor arrolando e montando, como a um quebra-cabeça, as personagens por ele criadas?

Nesta dissertação optou-se, pois, não por analisar a obra de um autor, mas produzir um romance, exemplificando através da ficção, processo e mistérios da criação literária.

1. A Criação Literária

Os mistérios da criação literária, intrínsecos na própria obra, concedem ao autor a possibilidade de se auto-analisar. O autor, observador de si mesmo, desvenda-se enquanto cria. Estarrecido com os caminhos que o conduzem na sua criação, deixa-se levar pelos labirintos da escrita. Quanto mais fundo mergulha, este entrelaçado de realidade e ficção, amalgamado pela memória, menos consegue explicar os mistérios que o cerca. *“Em depoimentos e mesas redondas de literatura, já tentei aproximar o auditório do mistério. E fiz ficção em cima de ficção. O mistério é inexplicável. Sortilégio? Magia? “Vós nada compreendereis e eu nada poderei explicar-vos!” – Disse Rimbaud. Nada poderei explicar-vos. Este é o meu depoimento e às vezes estou nele, é tudo o que eu sei.”*¹

O momento da criação, envolto num obscuro véu de mistérios, está longe de ser um tormento para alguns autores. A experiência da criação é distinta, única, sempre uma redescoberta de si mesmo. *“Toda a experiência de criação é, portanto, uma novidade. O escritor diante do papel em branco deve*

¹ TELLES, Lygia Fagundes. In: STEEN, Edla Van_Viver & Escrever. Porto Alegre : L&PM, 1981, v.1, p. 95.

ser sempre um estreante. É sempre uma aventura, como se fosse pela primeira vez.”² Embora passageira, a entrega é total e irrestrita. Um ato compartilhado: o autor e a sua obra. Entregue a sua criação, rende-se, embevecido. *“O artista, no momento da criação, em geral é um ser tão indefeso, tão possuído, tão entregue, tão dominado pelo que está fazendo, que pode ser comparado ao homem e à mulher no ato do amor.”*³

Alguns autores conseguem exemplificar o que seria a criação literária, comparando-a ao ato de amor. *“Mário de Andrade costumava dizer que era um erro comparar o ato de criação artística com o parto. Na cópula é que se está criando. O parto, quando muito, seria talvez a publicação do livro.”*⁴ Não há como contestar o envolvimento do artista na sua criação. Seria esse também um mistério da criação literária?

*“Que impulso induziria o homem a se desviar do cotidiano, para se entregar à contemplação de mundos sonhados? Qual o móvel, quais os fatores íntimos da criação artística? Convida-nos a literatura a fugir do real, ou, pelo contrário, nos dá acesso a uma realidade mais profunda?”*⁵ Ao entregar-se à criação, o autor adquire o ingresso para um mundo distinto. Uma viagem sem deslocamento físico. Onde o destino é ele próprio. Como observa

² SABINO, Fernando. In: STEEN, Edla Van. *Viver & Escrever*. Porto Alegre : L&PM, 1981, v.1, p. 33.

³ SABINO, Fernando. *Opus cit.*, 32

⁴ SABINO, Fernando. *Ibidem* p. 32.

⁵ ANJOS, Cyro dos. In: STEEN, Edla Van. *Viver & Escrever*. Porto Alegre : L&PM, 1982, v. 2, p. 25.

Luiz Vilela: *“Se fisicamente estou aqui, pela mente, pela imaginação e pela sensibilidade estou em muitos outros lugares, assim como também estou no passado e, às vezes, no futuro.”*⁶ A possibilidade de “visitar” lugares, viver situações improváveis de ocorrer no mundo real desperta a curiosidade para a inacessível realidade do autor. *“Na nossa vida vale muito o apenas sonhado. O valor está no sonho. Eu diria que esse “apenas sonhado” é mais importante do que o realizado. O sonho não aceita nem respeita os limites. A única maneira de um sujeito ter o sentimento do universo é sonhando, se não só se vê a esquina.”*⁷

Nessa sua “jornada” pelos sonhos, tendo como destino a criação da sua arte, o autor leva consigo a solidão como consorte. Se existe uma companheira fiel do escritor na criação, esta se chama: solidão. É nela que o autor se apóia, é nela que ele confia e com ela compartilha as horas dedicadas à escrita. A solidão é, muitas vezes, a resposta. A solidão absolve e liberta. Por outro lado, a solidão o condena a um comprometimento sem opção, sem subterfúgios. *“Escrevo porque desde cedo precisei encontrar uma companhia mais segura do que a companhia humana, um lugar mais seguro do que as*

⁶ VILELA, Luiz. In: STEEN, Edla Van Viver & Escrever.. Porto Alegre : L&PM, v.2, p. 65.

⁷ RODRIGUES, Nelson. In: STEEN, Edla Van Viver & Escrever.. Porto Alegre : L&PM, v.2 p. 280.

*idades. Talvez minha solidão já fosse maior do que eu poderia suportar sem uma “terceira perna”, como se diz.”*⁸

O autor cria para fugir da solidão, enquanto esse sentimento se encontra em seu interior. Cria uma “realidade” que o satisfaça. *“A arte de escrever é uma atividade solitária e policiada.”*⁹ Estar só com a sua arte desnuda o seu criador ante a sua criação, porém, o estar só não significa desamparo. *“É que escrever é um ato solitário, solitário de um modo diferente da solidão.”*¹⁰

Isolar-se do mundo e entregar-se à criação da sua arte pode não ser o caminho trilhado por alguns escritores. Pois não há mapa mostrando o ponto de partida, nem o de chegada. Não basta isolar-se. *“Thomas Mann diz, em um dos seus romances ou ensaios, que o homem solitário é capaz de enunciar mais originalidades e besteiras que o homem social. Isso também vale para a literatura. Certo isolamento, certo isolamento bárbaro, como sempre teve o artista nos Estados Unidos, é fértil para a criação de algo forte e novo.”*¹¹

Como a presença de seus semelhantes não colabora na criação de sua obra, o escritor, algumas vezes, apela para outras formas de estímulo. Cyro dos Anjos revela: *“Lembro-me que um dia, ouvindo uma sonata de Mozart,*

⁸ FELINTO, Marilene. In: BRITO, José Domingos de (org.). *Por que escrevo?*. São Paulo : Escrituras, 1999, v.1, p. 113.

⁹ MALRAUX André. In: STEEN, Edla Van Viver & *Escrever..* Porto Alegre : L&PM, 1982, v.2, p.241.

¹⁰ LISPECTOR, Clarice. *De corpo interi*ro. São Paulo : Siciliano, 1992, p.39.

¹¹ SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. São Paulo : Companhia das Letras, 2003, p.32.

concebi toda a parte final do meu primeiro livro. E Mozart nada tinha a ver com a história.”¹² Experiência também compartilhada com o escritor Juan José Millás: *“Escuta música de Mozart e bebe muito chá.”*¹³ Mesmo tendo o compositor austríaco como companhia no momento da criação das suas obras, tal procedimento não prescreve como receita para a composição de obras literárias.

*“Como diz Madeleine Chapsal: Escolhe-se ser escritor, mas não se escolhe estar só.”*¹⁴ Esta opção de estar sozinho torna-se irrefutável diante do “chamado” no momento da criação. O autor embarca na sua “viagem”, desacompanhado. *“Todos os escritores querem estar sós quando lhes convém, quando vivem momentos de transe criativo: então não suportam ninguém, e ninguém os suporta. Mas passada essa exigência inerente à criatividade do artista, ninguém pode ajudar aquele que deve preencher uma folha em branco: nem uma pessoa amada, nem um mestre, nem um amigo, nem um deus, nem tão pouco uma musa...”*¹⁵ Neste ofício de escrever no qual o autor embrenha-se sozinho, outros não podem usufruir da sua experiência. Não compartilham da sua musa. Uma musa que inspire na sua criação. É para isso que os autores se entregam? É esse um dos mistérios da criação? A busca da

¹² ANJOS, Cyro dos. In: STEEN, Edla Van. *Viver & Escrever* Porto Alegre : L&PM, 1982, v.2, p.18.

¹³ MILLÁS, Juan José. In: NIETO, Ramón. *O ofício de escrever* São Paulo : Agra, 2001, p.80.

¹⁴ NIETO, Ramón. *O ofício de escrever* São Paulo : Agra, 2001, p.10.

¹⁵ NIETO, Ramón. *Opus cit.* p.10

inspiração? *“Turguenieve dizia: “Os poetas têm razão quando falam em inspiração. É verdade que a musa não desce do Olimpo para dizer-lhes as estrofes já acabadas, mas chegam a sentir uma disposição de ânimo especial que se parece com a inspiração. Esta disposição de ânimo é chamada pelos poetas “proximidade com o Deus”. Esses instantes constituem o único deleite do artista. Se não existissem, ninguém escreveria. Depois, quando é preciso colocar ordem em tudo aquilo que se agita na cabeça, é que começa o tormento.”*¹⁶ Já Flaubert não compartilhava da mesma opinião. A inspiração para ele mostrava-se indócil. *“Devemos escrever mais friamente. Desconfiar desta espécie de aquecimento, que chamam inspiração, e no qual geralmente se produz mais emoção nervosa que força muscular.”*¹⁷

Esse incentivo à escrita que alguns chamam de inspiração. Talvez seja uma chama, uma idéia. Há quem não a chama? Cada um a chama como quiser. Uma chama que ilumina: uma idéia. *“Inspiração? Inspiração para mim é a idéia, é o amadurecimento interior – eu prefiro a palavra vocação: você nasce ou não para escrever, e acabou. O trabalho só não basta.”*¹⁸ O trabalho do autor não depende somente da indelével presença da inspiração. Elege estímulos para uma produção segura e coerente no que tenciona escrever. Coloca em ação os mecanismos de que dispõe para desenvolver o

¹⁶ NIETO, Ramón *O ofício de escrever..* São Paulo : Agra, 2001, p.67.

¹⁷ FLAUBERT, Gustave. In: NIETO, Ramon *O ofício de escrever..* São Paulo : Agra, 2001, p.67.

¹⁸ AMADO, Jorge. In: LISPECTOR, Clarice. *De corpo inteiro* São Paulo : Siciliano, 1992, p.11.

tema por ele proposto. *“Há muito tempo que não me dou a esse luxo: o de inspirar-me. Contar com algum tema, alguma solicitação, algum estímulo que signifique uma verdadeira inspiração. E a verdadeira inspiração é aquela que nos impele a escrever sobre o que não sabemos, justamente para ficar sabendo.”*¹⁹

Cultuada ao máximo, por muitos, guardada em segredo, somente vindo à tona no momento da criação, a inspiração para outros nada significa. Procurada por muitos e abominada por outros, a inspiração é mais do que uma palavra. Ou não? *“Tenho horror à palavra inspiração, que me recorda indolência, adiamento, olhar fechado, um corpo emprestado de onde a consciência foi expulsa. Acredito profundamente na disciplina como uma prática que permite desaguar no trabalho mesmo o que existe de intolerável e dificilmente explicável na criação.”*²⁰ O que ela passou a significar e não o que o autor sente no momento da criação incomoda alguns escritores. O autor depende da inspiração? Só produz quando esta vem fazer-lhe companhia? Ou “ela” seria uma válvula propulsora? *“Talvez para os escritores incipientes, para aqueles que desejam expressar-se e criar um mundo através das*

¹⁹ SABINO, Fernando. In: LISPECTOR, Clarice. De corpo inteiro São Paulo : Siciliano, 1992, p.43.

²⁰ PIÑON, Nélida. In: LISPECTOR, Clarice. De corpo inteiro São Paulo : Siciliano, 1992, p.202.

*palavras, a melhor reflexão que se pode fazer é a desmistificação da inspiração.”*²¹

O autor, utilizando-se ou não da inspiração, ou como prefira denominá-la, concretiza com a sua obra um mundo imaginário e o disponibiliza para o leitor. *“O artista é o criador de coisas maravilhosas. Revelar a arte, esconder o artista é a meta da arte.”*²² Segundo Käte Hamburger: *“A criação literária é coisa diferente da realidade, mas também significa o aparentemente contrário, ou seja, que a realidade é o material da criação literária. Pois é apenas aparente esta contradição já que a ficção é de espécie diversa da realidade porque esta é o material daquela.”*²³ Através da realidade que o cerca, o escritor cria a “realidade da ficção”. Reúne em sua obra aspectos colhidos do mundo real e os insere na sua criação. *“Uma vez que a criação só pode encontrar sua realização final na leitura, uma vez que o artista deve confiar a outrem a tarefa de completar aquilo que iniciou, uma vez que é só através da consciência do leitor que ele pode perceber-se como essencial à sua obra, toda obra literária é um apelo. Escrever é apelar ao*

²¹ NIETO, Ramón. *O ofício de escrever*. São Paulo : Agra, 2001, p.69.

²² WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. Rio de Janeiro : Francisco Alvez, 1981, p.1.

²³ HAMBURGER, Käte. In: BRASIL Assis. *Vocabulário técnico de literatura*. Rio de Janeiro : Tecnoprint, 1979, p.50.

leitor para que este faça passar à existência objetiva o desvendamento que empreendi por meio da linguagem.”²⁴

É com o leitor que o autor compartilha o mundo por ele criado. A cumplicidade do leitor dá à obra ares de uma realidade diferente. “*A mim, como leitora – escreve Simone de Beauvoir –, o que interessa é me sentir fascinada por um mundo singular que se cruza com o meu e que, entretanto, é diferente dele.*”²⁵

Se a meta da criação literária é o leitor, a experiência na produção não é compartilhada em igualdade. A verdade do autor é “comprada” pelo leitor. “*O leitor, ao contrário, progride com segurança. Por mais longe que vá, o autor já foi mais longe ainda.*”²⁶

Tendo sido concebida de braços dados com a solidão, a obra, nascida ou não dos momentos de inspiração do autor, finalmente se socializa nas mãos do leitor. “*E embora seja produto de um individuo marcadamente singular como é todo criador, não pode, no entanto, ser estritamente individual. Pois viver é con-viver. De maneira tal que o artista conclui cabalmente seu ciclo quando, por meio de sua obra, se reintegra na comunidade, quando produz e*

²⁴ SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* 2.ed. São Paulo : Ática, 1993, p.39.

²⁵ NIETO, Ramón. *O ofício de escrever* São Paulo : Agra, 2001, p. 113.

²⁶ SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* 2.ed. São Paulo : Ática, p.44.

sente a co-moção dos que vivem com ele. A arte, como o amor e a amizade, não existe no homem, mas entre os homens.”²⁷

Mesmo para o escritor, os mistérios da criação literária não se desvendam numa busca interior por outros questionamentos. *“No fundo, é uma coisa que não entendo: por que algumas pessoas têm necessidade de viver duas vezes? Uma quando vivem, e outra quando escrevem? E por que esta segunda vez é mais importante que a primeira? Isto é tão misterioso como concluir que as horas de sono, sonho, são mais importantes do que as horas que passamos acordados. Vou tentar fazer uma analogia. O dia é legível. A noite é ilegível. O escritor é aquele que pode ler a noite.*”²⁸

Para o autor, criar é viver. Vivenciar a experiência da criação. *“A criação e a negação, a arte e a morte, como pólos opostos, se atraem e se chocam.*”²⁹ A realidade choca, entretanto, é dela que o autor colhe idéias para a sua criação. *“A realidade da literatura é tão real quanto a percebida pelos nossos sentidos, mas é uma realidade diferente.*”³⁰ O abandono do mundo pelo escritor para mergulhar na sua própria criação, não o distancia da realidade que o cerca. *“...Chegamos à conclusão de que os escritores mais realistas são os que, em lugar de se ater à trivial descrição de trajes e*

²⁷ SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. São Paulo : Companhia das Letras, 2003, p.186-7.

²⁸ DURAS, Margueritte. In: BRITO, José Domingos de (Org.). *Por que escrevo?* São Paulo : Escrituras, v.1, p.61.

²⁹ DOURADO, Autran. *Poética de romance: matéria de carpintaria*. São Paulo : Difel, 1976, p.90.

³⁰ NIETO, Ramón. *O ofício de escrever*. São Paulo : Agras, 2001, p. 102.

*costumes, descrevem os sentimentos as paixões e idéias, os rincões do mundo inconsciente e subconsciente de seus personagens; atividade que explica não somente o abandono deste mundo externo, como é a única que permite dar sua verdadeira dimensão e alcance para o ser humano; já que, para o homem, importa apenas o que se relaciona entranhadamente com seu espírito...”*³¹

O escritor não é um historiador. Forster aponta, em síntese, qual a diferença fundamental entre historiador e romancista: *“O historiador registra, enquanto o romancista deve criar.”*³² A realidade que o rodeia passa pelo “filtro”, pela visão do autor. O “ponto de vista” ou a “visão”, como prefere J. Pouillon³³ ou mesmo a “focalização”, termo usado por G. Genette³⁴, ou ainda o “foco narrativo”, traduz e condiciona a posição e opinião do narrador. Mostra na obra o que ele “sente” o mundo e não somente como ele o vê. Cada autor é o criador e tem uma visão distinta do mundo. E através da sua visão, o narrador interpretará o mundo. *“Em nenhum momento passava pela imaginação que a realidade de alguém não era, de modo algum, a realidade de outrem, como, no entanto, é óbvio, já que a realidade Balzac-mundo não é a mesma que a realidade Flaubert-mundo. Tanto que, para o romanista atual,*

³¹ SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. São Paulo : Companhia das Letras, 2003, p.60.

³² FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Porto Alegre : Globo, c1969, p.36.

³³ POUILLON, Jean. *O tempo no romance*. São Paulo : Cultrix/EDUSP, 1974, p.53

³⁴ GENETTE, Gerard. *O discurso na narrativa*. Lisboa : Veja/Universidade, s.d., p.166.

*não somente já existe a consciência desse fato decisivo, como a de que para cada personagem a realidade é distinta: ao variar a visão dela, seu ponto de vista, o que ele entrega ao mundo externo e o que dele recebe.”*³⁵

A realidade na ficção do autor dá o seu testemunho em relação à vida, em relação ao seu tempo. O que leva o autor a mostrar a sua realidade através da ficção? Através da escrita o autor absorve e transpõe para a obra o mundo como ele o vê. A sua visão da realidade permanecerá. *“Produzir literatura criativa é por isso um gesto de inconformismo.”*³⁶ O autor sente necessidade de buscar respostas, de testemunhar, de envolver-se com a própria criação. Mesmo que isso implique uma visita ao seu mais profundo “eu”. Muitos são os escritores *“que sentem a necessidade obscura mas obsessiva de dar testemunho de seu drama, de sua infelicidade, de sua solidão.”*³⁷ Há sempre um mergulho em si. E jamais o escritor “volta” igual. Ou seja, após o mergulho na criação, retorna com a experiência de ter conhecido mais dele mesmo. De ter visitado sua própria essência. *“Esses homens sonham o sonho coletivo. Mas diferentemente dos pesadelos noturnos, suas obras voltam dessas regiões tenebrosas em que sumiram e sinistramente se alimentaram, são a ex-pressão ou pressão da direção do mundo dessas visões infernais; momento pelo qual se convertem numa tentativa de libertação do próprio*

³⁵ SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. São Paulo : Companhia das Letras, 2003, p.59.

³⁶ SEVCENCO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo : Brasiliense, 1999, p.247.

³⁷ SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. São Paulo : Companhia das Letras, 2003, p.85.

*criador e de todos aqueles que, como se estivessem hipnotizados, seguem seus impulsos e suas ordens secretas. Motivo pelo qual a obra de arte não tem apenas valor testemunhal, mas também um poder catártico, justamente por expressar as ansiedades mais entranhadas dele e dos homens que o rodeiam.”*³⁸

O autor mescla a realidade com a ficção. Molda a sua verdade, conforme sente o mundo. Fatos que o acompanharam por toda a vida inserem-se numa história que já não é a sua. “...*O verdadeiro escritor, escreve sobre a realidade que sofreu e que se alimentou, isto é, sobre a pátria, embora, às vezes, pareça fazê-lo sobre histórias distantes no tempo e no espaço.*”³⁹ O que levaria o escritor a esta entrega? Por que a necessidade de expor a sua memória na obra literária? “...*Motivações obscuras que levam um homem a escrever, séria e até angustiadamente, sobre seres e episódios que não pertencem ao mundo da realidade, mas que, por um curioso mecanismo, parecem dar testemunho mais autêntico sobre a realidade contemporânea.*”⁴⁰

A realidade, através da ficção, reafirma o poder de persuasão da obra. A criação literária leva ao leitor e doa à história um testemunho que, inicialmente era do autor, passando a contagiar o mundo real. Passa-se a crer na ficção mais do que se acredita na realidade. Seria esse um dos mistérios da

³⁸ SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. São Paulo : Companhia das Letras, 2003, p.95.

³⁹ SABATO, Ernesto. Opus cit. p.21.

⁴⁰ SABATO, Ernesto. Opus cit. p.11.

criação literária? *“O paradoxo da criação romanesca consiste em que o escritor deve dar em uma obra que é forçosamente finita uma realidade que é fatalmente infinita.”*⁴¹

Consciente de que seu depoimento repercutirá aos olhos da sociedade *“...o artista está inevitavelmente oferecendo o testemunho dele, do mundo em que vive e da condição humana do homem de seu tempo e sua circunstância.”*⁴² Talvez não exista a opção de não se revelar como testemunha. O ofício de escrever seria aceito como uma missão? Além da sua vontade? A opção de criar é do autor? Cabe a ele essa escolha? Ou é a arte quem escolhe? Seria mais do que uma opção, um compromisso, um casamento onde o autor e a arte comungam do mesmo amor pela criação. *“Acho que é o compromisso mais avançado que eu tenho com a vida; nada me enriquece mais do que quando eu passo em revista a realidade da criação; acho que criar dá condições de pôr em prática os sentimentos pela vida, para se poder contar a história do homem. Traz também um sentido muito social: a tarefa, o seu ofício é que alguém precisa contar a história do homem, para que esse homem, tão ocupado em viver sua história, se dê conta da realidade em que ele tem vivido e que não havia percebido.”*⁴³

⁴¹ SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. São Paulo : Companhia das Letras, 2003, p.93.

⁴² SABATO, Ernesto. Opus cit. p.96.

⁴³ PIÑON, Nélida. In: BRITO, José Domingos de (Org). *Por que escrevo?* São Paulo : Escrituras, 1999, v.1, p.118.

Ao criar, o escritor torna públicas as suas idéias, o seu pensamento.

*“O romancista, como todo artista, não cria para exprimir coisa alguma; ao contrário, se exprime para criar, é o que concluo depois de longo convívio e aprendizado artístico nunca concluído.”*⁴⁴ Expressar-se através da criação é indispensável que seja um ato de paixão. Uma entrega à própria escrita. *“E para a vida inteira do artista, é preciso que sua vocação seja irresistível, que ele não possa não escrever.”*⁴⁵ Nada pode ser comparado à importância da criação na sua existência, ao ponto de ele enxergar-se como criador e nada mais alcance este grau de importância na sua vida. *“O fanatismo. É preciso ter uma obsessão fanática, nada deve antepor-se à sua criação, deve sacrificar qualquer coisa a ela. Sem esse fanatismo nada de importante pode ser feito.”*⁴⁶ E esta gana pela criação envolve e submete tudo e todos que cercam o autor. *“É um ofício que dói, e no qual muito se arrisca. Todo mundo escreve para que a sociedade mude, e para isso explora e aumenta a ferida sensível do desamparo humano. Se não existissem, a solidão, a dificuldade do amor e a morte, não existiria a literatura.”*⁴⁷

O autor, mergulhado no seu ofício de escrever, não deixa transparecer aos olhos alheios a sublevação que o domina. Um mundo

⁴⁴ DOURADO, Autran. *Poética de romance: matéria de carpintaria*. São Paulo : Difel, 1976, p.86.

⁴⁵ GIDE, André. In: SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. São Paulo : Companhia das Letras, 2003, p.96.

⁴⁶ SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. São Paulo : Companhia das Letras, 2003, p.23.

⁴⁷ NIETO, Ramón. *O ofício de escrever*. São Paulo : Angra, 2001, p.19.

particular cria-se em sua mente. Esses segredos ou mistérios da criação literária só podem ser analisados pelo próprio escritor, quando ele consegue traduzi-los em palavras. É necessário explicar e analisar? Ou apenas sentir? É possível alguém, além do autor, compreender tais procedimentos? *“Literatura não é uma ferramenta inerte com que se engendre idéias ou fantasias somente para a instrução ou deleite do público. É um ritual complexo que, se devidamente conduzido, tem o poder de construir ou modelar, simbolicamente o mundo...”*⁴⁸ Assim como o método de criação difere, algumas vezes, de um escritor para outro, o mesmo ocorre com os rituais. Os chamados rituais nada mais são do que o processo de criação de cada escritor. O modo como “se entrega” à produção de suas obras. Tão particulares, resvalam para o absurdo aos olhos do leitor. Há os que só escrevem à noite. *“Antigamente, eu escrevia de preferência à noite. Hoje costumo escrever pela manhã. Quando estou fazendo um livro, não posso ficar muito tempo sentado à mesa, escrevendo todo um capítulo. Escrevo um parágrafo, levanto-me, passeio pela casa, converso, volto a trabalhar.”*⁴⁹ Não há regra para a criação. Cada autor “escolhe” o seu método e com o tempo molda da melhor maneira ao seu cotidiano. Segundo Oscar Wilde: *“Não existem mais que duas regras para*

⁴⁸ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo : Brasiliense, 1999, p.233.

⁴⁹ MARTINS, Luis. In: STEEN, Edla Van. *Viver & Escrever*. Porto Alegre : L&PM, 1982, v.2, p.234.

escrever: ter algo a dizer e dizê-lo.”⁵⁰ Por certo é necessário ser racional e prático na escrita. O autor que não domina, ou desconhece o seu processo de criação, não terá o mínimo de controle sobre sua vida. *“A madrugada é a minha hora. Só a noite, o silêncio é quem convida.”*⁵¹ E quem aceita o convite do silêncio por saber que o trabalho fluirá melhor no clima noturno, conhece seus rituais, seu processo de criação. *“O processo de criação de que se serve para compor romances, contos etc. é um método que exige muita vivência com o assunto. Em geral, deito-me, fico estirada; todos pensam que estou descansando.”*⁵² São inúmeros os caminhos para o autor seguir na sua criação. *“Sim, escreve-se de dia ou de noite, de pé, sentado ou na cama, a lápis, com caneta, com máquina de escrever, ou mesmo com computador.”*⁵³

As ferramentas utilizadas pelo autor são visíveis e fáceis de enumerar. Caneta, lápis, Computador. Tudo começa com a palavra? Ou uma experiência que se deseja compartilhar? Para Fernando Sabino: *“A criação nunca começa por uma palavra ou por uma idéia. Era uma espécie de sentimento em mim que partia em busca dessa palavra ou dessa idéia.”*⁵⁴ Um sentimento em busca da palavra para traduzi-lo. O autor revelando a si mesmo, na necessidade de exteriorizar sensações. Jorge Amado revela ser a

⁵⁰ WILDE, Oscar. In: NIETO, Ramón. *O ofício de escrever*. São Paulo : Angra, 2001, p.70.

⁵¹ REBELO, Marques. In: LISPECTOR, Clarice. *De corpo inteiro*. São Paulo : Siciliano, 1992, p.37.

⁵² QUEIRÓS, Dinah Silveira de. in: LISPECTOR, Clarice. *De corpo inteiro*. São Paulo : Siciliano, 1992, p.63.

⁵³ NIETO, Ramón. *O ofício de escrever*. São Paulo : Angra, 2001, p.76.

⁵⁴ SABINO, Fernando. In: LISPECTOR, Clarice. *De corpo inteiro*. São Paulo : Siciliano, 1992, p.42.

idéia, a emoção o seu ponto de partida para a criação literária:”*Parto, em geral, de uma idéia, de um fato, de uma impressão ou emoção. Durante anos esse ponto de partida vive dentro de mim, de repente se afirma, começo a ver personagens e ambientes. A história vem na máquina de escrever.*”⁵⁵ Tendo à mão as ferramentas para facilitar o seu trabalho, escolhido o melhor momento para produzir, chega-se ao principal: a composição da obra. O momento em que afloram os sentimentos, as idéias, as emoções com delirante ardor. “*Longe de ser o meu mais trabalhado livro como linguagem, ele foi, ao contrário, escrito com enorme fluência, com um gostoso entusiasmo, sob um estado de alucinante paixão criadora.*”⁵⁶ A paixão com que o autor se entrega à sua obra seria um dos mistérios da criação literária? Ou estaria no fato de não ser a criação literária um ato sempre igual? Ou seja, a cada obra o escritor vivencia uma experiência única? Um mesmo autor confessa uma paixão avassaladora no ato da criação, em outro momento afirma não crer em espontaneidade. Poderia haver paixão sem espontaneidade? “*Eu não acredito em espontaneidade no ato de criação, espontaneidade é o resultado do esforço que o escritor faz para aparentar que escreveu sem esforço.*”⁵⁷ Os próprios autores se contradizem em seus depoimentos. Talvez por ser difícil julgar os próprios sentimentos no momento da criação. Importa realmente

⁵⁵ AMADO, Jorge. In: LISPECTOR, Clarice. *De corpo inteiro*. São Paulo : Siciliano, 1992, p.10.

⁵⁶ SALES, Herberto. In: STEEN, Edla Van. *Viver & Escrever*. Porto Alegre : L&PM, 1982, v.2, p.256.

⁵⁷ SALES, Herberto. *Opus cit.* p.241.

como produto final, o que se escreve e não como se escreve. *“Quando escrevo não paro para pensar se estou interferindo muito diretamente na história, ou se sei demais sobre as personagens ou se deveria julgá-las ou não. Escrevo com ingenuidade total, espontaneamente.”*⁵⁸

O romance de ficção dá ao escritor a possibilidade de conceder vida a seres que povoarão as suas histórias. Seres gerados pela criatividade do escritor. Esse desdobramento de si alimenta a imaginação dos leitores e proporciona ao autor a experiência de muitas vidas sob a vestimenta de cada uma das personagens criadas por ele. Mas, de onde o autor tira as suas personagens? *“A vida faz-se criação literária, mas com isso o homem torna-se ao mesmo tempo o escritor de sua própria vida e o observador dessa vida como uma obra de arte criada... A vida lhe nega toda a satisfação... Ela a força a lutar e, com estas, a derrotas inevitáveis, previstas pelo escritor, pressentidas pelo herói.”*⁵⁹

O escritor realmente vê o que escreve? É capaz de ver as suas personagens? *“Eu vou vendo, descobrindo-o pouco a pouco, como se aparecesse envolto em véus que vão caindo um a um. Às vezes, são seus olhos que surgem primeiro; outras, um coque de cabelos longos. Pode ser que apareça no meu escritório caminhando, ou deitado sobre os livros, quando*

⁵⁸ MAURIAC, François. in. NIETO, Ramón. *O ofício de escrever* São Paulo : Agra, 2001, p.73.

⁵⁹ LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo : Duas cidades, 2000, p. 124.

*não sai de dentro da estante. Muitas vezes aparece sentado em minha mesa de trabalho, desafiando-me. Em todo caso, sei que o vejo primeiro do que ouço. Tanto vejo primeiro, que tenho na parede do meu escritório fotografias que resumem quase todos os meus personagens.”*⁶⁰

A personagem é traçada ao molde dos seres vivos: pensa, sofre, vive a realidade criada pelo autor. *“Você sabe que, à medida em que se lida com o personagem, a gente vai travando intimidade com ele, descobrindo-lhe a personalidade, amando ou detestando. É como se se tratasse de uma pessoa viva. Você não traça o personagem completo de antemão. Você faz uma silhueta, que ele vai enchendo aos poucos no decorrer da ação. É tão arbitrário e impossível fabricar um personagem ao seu gosto, como fazer a mesma coisa com um filho. Ele é feito por nós mas tem lá os seus genes, muitas vezes surpreendentes. E alguns até detestáveis.”*⁶¹ Alguns autores vão mais além no “contato” com as personagens. Segundo Nélide Piñon: *“Os personagens são criaturas que encostam na sua pele, repousam em sua companhia, comem do seu prato, refletem a visão do mundo que se forja provisoriamente ao longo da narrativa.”*⁶²

Soberano em sua criação, o escritor rege o destino da personagem com maestria? Como afirmava François Mauriac: *“Eu sou meus personagens*

⁶⁰ ANDRADE, Jorge. In. STEEN, Edla Van. *Viver & Escrever* Porto Alegre : L&PM, 1981, v.1, p.215.

⁶¹ QUEIROZ, Rachel de. in. STEEN, Edla Van. *Viver & Escrever* Porto Alegre : L&PM, 1981, v.1, p.189.

⁶² PIÑON, Nélide. In. STEEN, Edla Van. *Viver & Escrever* Porto Alegre : L&PM, 1982, v.2, p.219.

*e meu universo.”*⁶³ O autor sabe tudo a respeito da vida da personagem, mesmo que a história seja contada em fragmentos. *“Os seres são, por sua natureza, misteriosos, inesperados. Daí a psicologia moderna ter aplicado e instigado sistematicamente as noções de subconsciente e inconsciente, que explicariam o que há de insólito nas pessoas que reputamos conhecer, e no entanto nos surpreendem, como se uma pessoa entrasse nelas, invadindo inesperadamente a sua área de essência e de existência.”*⁶⁴

Depois de criada, a personagem vive no mundo do seu criador. O escritor vê suas criaturas e passa a conviver com elas: *“...se não as visse sempre em redor de si como figuras vivas, como explicar a ausência quase total, em toda a Comédia Humana, de erros e confusões no que diz respeito à idade, ao parentesco, às relações recíprocas desses dois mil e tantos figurantes?”*⁶⁵ No caso de Balzac, parece notório esse fato. E para os outros escritores? O escritor é a personagem da sua narrativa? *“Eu sempre respondo quando me perguntam se tal ou qual personagem é autobiográfico, que todos os personagens são autobiográficos. Isso quer dizer que, obrigatoriamente, o autor tem que vestir a pele do personagem e descobrir como ele se comportaria em determinada situação.”*⁶⁶ Sendo todas as personagens

⁶³ MAURIAC, François. in. NIETO, Ramón. *O ofício de escrever* São Paulo : Agra, 2001, p.73.

⁶⁴ CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. 9.ed. São Paulo : Perspectiva, 1998, p.56.

⁶⁵ RÓNAL, Paulo. in. BALZAC, Honoré de. *A Comédia Humana* Porto Alegre : Globo, 1957, p.21.

⁶⁶ QUEIROZ, Rachel de. in. STEEN, Edla Van. *Viver & Escrever* Porto Alegre : L&PM, 1981, v.1, p.191.

autobiográficas, o autor “vive” a experiência de cada uma delas, na obra. A vivência do autor dentro e fora da obra lhe concede experiências que o “não criar” jamais daria. *“Termino um romance exausta, exangue como aqueles visitantes dos castelos da Transilvânia, onde todas as noites os vampiros se levantam e vêm cravar o canino na jugular do hóspede amado. Mas parece que é essa a regra do jogo, me alimento deles assim como eles se alimentam de mim num obscuro contrato tácito nessas relações: sejam bem-vindos meus vampirinhos!”*⁶⁷

As personagens dominam o texto, a vida do escritor e algumas sobrevivem ao autor. A criatura transpõe as margens da obra e se sobrepõe ao criador. *“...Dom Quixote é mais real do que Cervantes (seria mais fácil que Dom Quixote tivesse escrito Cervantes do que o inverso: como repetia Prévert: “Dostoievski é uma personagem de romance, Victor Hugo é uma personagem de romance, Balzac é uma personagem de romance...”)*⁶⁸ Como pode a personagem ser superior ao seu criador? Nenhum autor pode doar à sua criatura o que não possui. A personagem talvez seja o herói do seu criador. E através deste ser desmembrado de si, o autor se manifesta sem medo ou pudor. *“Se é certo que os personagens de romance saem do próprio coração do criador, ninguém pode criar um personagem maior do que ele mesmo, e se o*

⁶⁷ TELLES, Lygia Fagundes. In. STEEN, Edla Van. *Viver & Escrever* Porto Alegre : L&PM, 1981, v.1, p.95.

⁶⁸ NIETO, Ramón. *O ofício de escrever*. São Paulo : Agra, 2001, p. 12.

*toma da história, o rebaixará até o seu nível.”*⁶⁹ A personagem expressa a verdade do autor. Através da fala da personagem o autor diz o que talvez nem saiba que necessita dizer. Oculto sob a vestimenta dos seres por ele criados. É sempre mais fácil e autenticamente verdadeiro o depoimento do autor implícito nas opiniões das suas personagens. *“E somente com máscaras, no carnaval ou na literatura, os homens se atrevem a dizer suas (tremendas) verdades últimas. “Persona” significa máscara e, como tal, entrou na linguagem do teatro e do romance.”*⁷⁰

As personagens, capazes de revelar as “verdades” do autor, muitas vezes, surgem de lembranças, acontecimentos remotos, há muito vividos e talvez esquecidos. Quando cria, o escritor deixa fluir suas memórias, mesmo as que ele julgava ter esquecido ou não ter vivido. *“O grande arsenal do romancista é a memória, de onde extrai os elementos da invenção, e isto confere a acentuada ambigüidade às personagens, pois elas não correspondem a pessoas vivas, mas nascem delas.”*⁷¹ Sendo o autor um ser humano múltiplo, contraditório, nem todas as personagens são exemplos de

⁶⁹ SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. São Paulo : Companhia das Letras, 2003, p.86-7.

⁷⁰ SABATO, Ernesto. *Ibidem*. p. 60.

⁷¹ MAURIAC, François. in. CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção* 9.ed. São Paulo : Perspectiva, 1998, p. 66.

virtude. *“Os personagens surgem do coração do escritor, mas podem superá-lo em bondade, em sadismo, em generosidade, em avareza.”*⁷²

Com todas as características “doadas” pelo seu criador, as personagens tendem a crescer dentro do romance. *“À medida que esses personagens de romance vão emanando do espírito de seu criador, eles se transformam, por outro lado, em seres independentes; e o criador observa suas atitudes, seus sentimentos, suas idéias. Atitudes, sentimentos e idéias que logo chegam a ser exatamente o contrário do que o escritor tem ou sente normalmente...”*⁷³ Então ao criar o escritor não tem completo domínio sobre a sua criação? As personagens podem, por conta própria, mudar o rumo dos acontecimentos previstos pelo escritor? *“Saíndo, como saem, da pessoa integral de seu criador, é natural que algumas delas manifestem idéias que, de uma maneira ou de outra, perfeita ou imperfeitamente, tenham surgido algumas vezes da mente do próprio artista; mas nesses casos, essas idéias, ao estarem encarnadas nas personagens que não são exatamente do autor, ao aparecerem misturadas a outras circunstâncias, outra carnadura, outras paixões, outros excessos, já não são aquelas que alguma vez o autor poderia*

⁷² SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. São Paulo : Companhia das Letras, 2003, p. 126.

⁷³ SABATO, Ernesto. *Opus cit.* p.126-7.

ter expressado a partir de sua própria situação.”⁷⁴ O autor concede liberdade para a personagem? Deixa que esta decida seu próprio destino no romance?

A personagem, depois de criada, toma para si as rédeas do seu destino. Não são apenas títeres de seu criador. Como lembra Rachel de Queiroz: *“Quando se faz obra de ficção acontece que, de um certo ponto em diante, o livro dá para andar por si, cada personagem se apossa do seu papel e o comanda. O autor fica como uma espécie de médium espírita, sentindo a sua escrita inteiramente dirigida pelos impulsos e peculiaridades dos indivíduos que sua imaginação suscitou, mas que ganharam vida própria.”*⁷⁵

Os “impulsos” impostos pela personagem são resultados das características conferidas a cada uma delas. E, na condução do romance, seguem o caminho de acordo com as qualidades nelas presentes. *“Depois que escreve, muitas vezes o autor se admira: mas eu pensava assim? Eu não sabia que eu sabia disso! Eu não sabia que eu era capaz de pensar assim!”*⁷⁶

Se por vezes o autor não tem noção exata do que criou por se achar embevecido pelo ato da criação no momento em que escreve, o mesmo “distanciamento” poderia ocorrer na criação das personagens e, na releitura do texto, questiona-se a si mesmo: fui eu que criei esta personagem? Tal

⁷⁴ SABATO, Ernesto. Opus cit. P. 147.

⁷⁵ QUEIROZ, Rachel de. in. BARBOSA, Maria de Lourdes Dias Leite. *Protagonistas de Rachel de Queiroz: caminhos e descaminhos* São Paulo : Fontes, 1999, p. 13.

⁷⁶ SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Como se faz Literatura*. Rio de Janeiro : Vozes, 1985, p.24.

personagem saiu de dentro de mim? De onde eu a recrutei? De que parte de mim eu a fiz surgir? Eu a deixei livre para crescer? *“Assim, se a vida é liberdade em uma situação, a vida de um personagem de romance é duplamente livre, pois permite ao autor ensaiar, misteriosamente, outros destinos. É, ao mesmo tempo, uma tentativa de escapar de nossa inevitável limitação de possibilidades e uma evasão do cotidiano. A diferença que existe, por exemplo, entre o paranóico criado por um artista e um paranóico de carne e osso é que o escritor que cria pode voltar da loucura, enquanto o louco fica no manicômio.”*⁷⁷

É indiscutível o que representa o autor para as suas criaturas. Porém, é necessário que as personagens estejam “à vontade” na história. *“Um dos principais temas interiores do romance é justamente o tema da inadequação de um personagem ao seu destino e à situação.”*⁷⁸ Quanto a Balzac, suas personagens tinham liberdade e plena adequação ao texto. O próprio autor dava completa autonomia às suas criaturas e ele se admirava com os rumos que tomavam: *“Há um ano, quando escrevia Eugène Grandet, um amigo o encontrou chorando. “Imagine, ela se matou! Lhe gritou Balzac. Referia-se à*

⁷⁷ SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. São Paulo : Companhia das Letras, 2003, p.148.

⁷⁸ BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo : UNESP/HUCITEC, 1993, p.425.

*sua personagem. Não havia sido ela, no entanto, morta por seu criador? Não fora este que a levara ao suicídio?”*⁷⁹

Exemplo da força da personagem sobre o criador, o conto “Um tigre de papel”, de Marina Colasanti, narra a criação de um ser de ficção não muito à vontade no seu espaço. Sugere, ao extremo, o perigo de não conhecer a personagem ao criá-la. O autor precisa ter pré-definido o que deseja da personagem no momento da criação ou quando a resgata de dentro de si. O conto de Marina Colasanti é um bom exemplo: *“Sabendo que a ele caberia determinar seus movimentos e controlar sua fome, o escritor começou lentamente a materializar o tigre. Não se preocupou com descrições de pêlo ou patas. Preferiu introduzir a fera pelo cheiro. E o texto impregnou-se do bafo carnívoro, que parecia exalar por entre as linhas.”*⁸⁰ O autor tem consciência do seu “poder” sobre a personagem? O ser tirado de dentro de si caminhará pelo rumo por ele traçado? A personagem confunde-se com mundo do autor e este, com mundo ficcional? O autor tem realmente a posse do destino da personagem ou, com o desenvolvimento do texto, este implicará mudanças?

“Depois, com cuidado, foi aumentando a estranheza da presença do tigre na sala rococó em que havia decidido localizá-lo. De uma palavra a

⁷⁹ RIESS, C. *Histórias de grandes best-sellers; os autores e seus sucessos literários*. Rio de Janeiro : Renes, c1966, p.14.

⁸⁰ COLASANTI, Marina. *Contos de amor rasgados*. Rio de Janeiro : Rocco, 1986, p.207.

*outra, o felino movia-se irresistível, farejando o dourado de uma poltrona, roçando o dorso rajado contra a perna de uma papeleira.”*⁸¹ A idéia de colocar um felino numa sala de fina decoração é inusitado. Muitas vezes algumas personagens não se ajustam ao texto. Como na vida, não se encaixam na história a ser narrada. A decisão na escolha das personagens e a comunhão com o ambiente necessitam de harmonia. As personagens precisam estar à vontade no texto para pertencerem a ele; para o bom desenvolvimento da narrativa. *“Em vez de escrever um salto, o escritor transmitiu a sensação de movimento com uma frase curta. Em vez de imitar o terrível miado, fez tilintar os cristais acompanhando suas passadas. Assim, escolhendo o autor as palavras com o mesmo sedoso cuidado com que sua personagem pisava nos tapetes persas, criava-se a realidade antes inexistente.”*⁸² Mesmo com a estranheza do animal no ambiente a ele imposto, o narrador conduz a intrigante história.

Na condução do conto, a autora Marina Colasanti mostra a tentativa de manejar um ser selvagem em um ambiente inóspito à sua natureza. De um modo agradável e bem humorado, o conto exemplifica as artimanhas do escritor e o expõe à sua criação. A autora alerta para a responsabilidade na criação das personagens. *“O quarto parágrafo pareceu ao escritor momento*

⁸¹ COLASANTI, Marina. Opus cit. p. 207.

⁸² COLASANTI, Marina Opus cit. p. 208.

ideal para ordenar ao tigre que subisse com as quatro patas sobre o tamborete de petit-point. E já a fera aparentemente domesticada tensionava os músculos para obedecer quando numa rápida torção do corpo, lançou-se em direção oposta. Antes que chegasse a vírgula, havia estraçalhado o sofá, derrubado a mesa com a estatueta de Sèvres, feito em tiras o tapete. Rosnados escapavam por entre letras e volutas. O tigre apossava-se da sua natureza. Já não havia controle possível. O autor só podia acompanhar-lhe a fúria, destruindo a golpes de palavras a bela decoração rococó que havia tão prazerosamente construído, enquanto sua criatura crescia, dominando o texto.”⁸³

Em vão, o autor dita ordens à personagem. Se os atos impostos não condizem com o texto, tem a personagem livre arbítrio para opinar? Possui as rédeas de seu próprio destino? Ou é simplesmente um artifício para prender o leitor ao texto? Autor e personagens são cúmplices na criação literária?

“Imponente, via aos poucos espalharem-se no papel cacos de móveis e porcelanas, estilhaçar-se o grande espelho, cair por terra a moldura entalhada. Não havia mais ali um animal exótico na sala de um palácio, mas um animal feroz em seu campo de batalha. O escritor esperava tenso que o cansaço dominasse a fera, para que ele pudesse retomar o domínio da

⁸³ COLASANTI, Marina. Opus cit. p. 208.

narrativa, quando o viu virar-se na sua direção, baixar a cabeça em que os olhos amarelos o encaravam, e lentamente avançar.”⁸⁴

Ter consciência do que se deseja para o seu texto, ao criar sua personagem, torna para o autor menos arriscado perder o domínio sobre ela. Além da atitude passiva, o escritor passa a ser ameaçado por sua própria criatura, no conto de Marina Colasanti. Os atos selvagens da personagem, não condizentes com o ambiente a ela imposto, impõem um final não pensado pelo autor: *“Antes que pudesse fazer qualquer coisa, a enorme pata do tigre abatendo-se sobre ele obrigou o texto ao ponto final.”*⁸⁵

Para o escritor, resgatar uma “fera” de dentro de si, pretender domesticá-la no texto, é válido. Um exercício de autoconhecimento. É válido, também, que o leitor se delicie com as expectativas das personagens se rebelarem e darem, mesmo que deliberadamente, um aroma de aventura ao texto.

As características que o autor confere à personagem permitem a previsão de seus atos? Tais características dão ao leitor, algumas vezes, a impressão da condução da história por esses seres de ficção.

Alguns autores vivem a vida de cada personagem, antes, durante e depois da história concluída. *“...Me apaixono muito pelos meus personagens,*

⁸⁴ COLASANTI, Marina. Opus cit. p. 208.

⁸⁵ COLASANTI, Marina. Opus cit. p. 208.

acredito que isso ajude a minha aproximação com o público. De qualquer forma, os personagens me satisfazem mais do que as pessoas, porque têm vida, vícios e virtudes e, no entanto, permanecem tão intactos que não admitem interferência. À medida que os personagens nascem dentro da gente, é preciso escrever rápido. Porque nós vamos nos modificando, até mesmo sob a influência deles. Temos que aproveitar o momento, enquanto está quente. O escritor tem que atuar como um vampiro – antes que amanheça. E na verdade o autor também é vampirizado pelos seus personagens que se alimentam do seu sangue no mistério da criação. Quando termino um livro, estou esvaída. Os personagens e eu então descansamos.”⁸⁶

Muitas vezes o leitor pensa conhecer mais as personagens do que o autor do livro. Certas personagens apresentam-se como pessoas da convivência do leitor. Com a leitura, as “pessoas” da história, mostram-se tão “vivas” e reais quanto um amigo, ou vizinho, embora o leitor possa descobrir da personagem o que talvez jamais saberá de qualquer pessoa do seu convívio. A personagem se explica, enquanto o autor por elas se justifica. “São as personagens (e o mundo fictício da cena) que absorveram as palavras do texto e passam a constituí-las, tornando-se a fonte delas – exatamente como ocorre na realidade... As personagens, ao falarem, revelam-se de um modo

⁸⁶ TELLES, Lygia Fagundes. In. BRAIT, Beth. *A personagem* 6.ed. São Paulo : Ática, 1998, p. 81.

bem mais completo do que as pessoas reais, mesmo quando mentem ou procuram disfarçar a sua opinião verdadeira.”⁸⁷ Na condução do texto ficcional, as personagens são as válvulas propulsoras.

Para alguns escritores, a possibilidade de se desmembrarem em personagens oferece atrativos que a realidade muitas vezes tolhe. Às vezes, doam características próprias da sua personalidade às suas criaturas. Outras vezes, as tomam emprestadas de outrem. Algumas personagens, poder-se-ia dizer, são mosaico de muitas pessoas. Incapaz de reproduzir a vida, o escritor recria o mundo conforme as suas leis. Na criação de algumas personagens, dosa distintos ingredientes num caldeirão. Algumas pitadas de memória, uma xícara de gestos alheios, uma colher de jeito de se expressar e... as personagens estão prontas para irem ao forno, na forma que o escritor as moldou. Embora não seja possível usar a mesma forma para todas, pode servir de partida para uma nova criação. *“Quando eu vou para a máquina eu não sei nada da história que vou escrever – sei o que quero contar, tenho amadurecidos (mais ou menos) alguns personagens, e ambientes, mas daquilo que se chama enredo, história, anedota, não sei nada. A história se põe de pé enquanto eu escrevo. São os personagens que a criam.”*⁸⁸ Algumas personagens são pura memória: resgatadas muitas vezes da infância do

⁸⁷ ROSENFELD, Anatol. in. CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção* 9.ed. São Paulo : Perspectiva, 1998, p.29.

⁸⁸ AMADO, Jorge. In. STEEN, Edla Van. *Viver & Escrever* Porto Alegre : L&PM, 1982, p.60.

escritor. Outras são inspiradas em pessoas do mundo real, aditivadas com sentimentos específicos para atuarem no texto. “*Um personagem pode nascer de uma só frase. Ou morrer na frase seguinte, por medo ou inabilidade do autor. Sua vida é basicamente secreta, enquanto não ganha aparência e forma.*”⁸⁹

Descobrir-se fonte de inspiração para uma personagem traz à tona certa insegurança. Sob qual perspectiva irá o autor abordar a sua personalidade? A contribuição poderia ser só na aparência? O que poderia ser uma honra para certas pessoas, para outras, a idéia talvez fosse descartada. Nem sempre a criatura satisfaz o modelo. Alguns autores utilizam-se de gestos alheios, trejeitos e olhares de pessoas conhecidas. O psicológico é mostrado conforme a necessidade do autor, para desenvolver a narrativa. “*Quanto ao ambiente literário de Paris, numerosos escritores e jornalistas foram apontados como originais das caricaturas ferinas de Balzac.*”⁹⁰

Muitos autores precisam visualizar para compor a personagem. Nesse caso, o autor nos remeteria à lembrança do romance *Frankenstein*, escrito por Mary Shelley: Pés de um, mãos de outro, corpo de um conhecido, cabeça de outro alguém; e, no final, feitas as conexões, quase ouvimos os gritos: “*It’s alive! It’s alive!*”

⁸⁹ PIÑON, Nélida. In. STEEN, Edla Van. *Viver & Escrever* Porto Alegre : L&PM, 1982, v.2, p.220.

⁹⁰ RÓNAL, Paulo. in. BALZAC, Honoré de. *Ilusões Perdidas* Por to Alegre : Globo, 1959, p.13.

E quando a construção da personagem dá-se pela junção fragmentada de modelos vivos? Obtemos uma nova personalidade? Um ser inédito? Uma nova personalidade seria criada num ser de ficção? Forster classifica as personagens como: planas e redondas. As personagens planas *“são construídas ao redor de uma única idéia ou qualidade: quando há mais de um fator, atingimos o início da curva em direção às redondas.”*⁹¹ Segundo ele, *“uma grande vantagem das personagens planas é serem reconhecidas com facilidade sempre que aparecem...”*⁹² E adverte que *“devemos admitir que as pessoas planas não são, em si, realizações tão notáveis quanto as redondas e que também são melhores quando cômicas.”*⁹³ Entretanto, afirma que: *“só as pessoas redondas podem atuar tragicamente por qualquer espaço de tempo e inspirar-nos qualquer sentimento, exceto o de “humor” e adequação.”*⁹⁴ O Escritor, ao criar sua personagem, é capaz de arrolar várias características e conceber uma nova personalidade? Somente o autor seria capaz de dosar com precisão cada elemento na concepção da personagem, conforme suas intenções para o desenvolvimento da narrativa. *“No momento,*

⁹¹ FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Porto Alegre : Globo, c1969, p.54.

⁹² FORSTER, E. M. *Opus cit.* p.55.

⁹³ FORSTER, E. M. *Opus cit.* p.58.

⁹⁴ FORSTER, E. M. *Ibidem*. P.58.

*tenho um personagem que se insinua em quase tudo aquilo que eu vou fazer, a ponto de modificar a própria mensagem das coisas que eu vou escrever.”*⁹⁵

Balzac convivia com as suas fontes de inspiração. *“Hóspedes jamais anônimos, entre os quais Balzac, Liszt e Marie D’Agoult, uma heroína antiburguesa que parece ter nascido numa página de George, e de certo modo, o foi. A condessa, “alta como um círio e cândida como uma hóstia”, que deixou o marido para unir-se a Liszt, sujeitou-se ao patrocínio da sua pigmaleão; mas não muito tempo depois, também Mme. D’Agoult terá seu salão e seus poetas, seus Heine e seus Mickiewicz, além de um pseudônimo masculino (Daniel Stern), em veleidosa concorrência com George.”*⁹⁶ Nas reuniões literárias em Nohant. Balzac ocupava-se também em colher, entre os hóspedes, características para compor suas personagens? No caso de algumas personagens do romance *Beatriz*, é verdade. *“Balzac fora hóspede de George em Nohant em Fevereiro de 1838, e lá foi devidamente informado sobre os convidados do verão anterior. Escreveu então a madame Hanska: “Foi a propósito de Liszt e madame D’Agoult que ela me deu o tema de Les Galériens, ou Les amours forcés, que vou mesmo abordar, pois em sua posição ela não pode fazê-lo. Guarde este segredo.” O que Balzac ficou sabendo não dizia tanto respeito a Liszt, que conhecia, mas a Marie; e além*

⁹⁵ ANTÔNIO, João. In STEEN, Edla Van. *Viver & Escrever*. Porto Alegre : L&PM, 1982, v.2, p.131.

⁹⁶ *Mulheres Imortais*. São Paulo : Melhoramentos, 1973, v.2, p.173.

da história de uma dama que abandonou o marido e a alta sociedade para seguir o amante... O romance de Balzac seria afinal intitulado Béatrix. A imaginação de Balzac concebeu um destino muito diferente para os personagens que originalmente eram reais.”⁹⁷ Balzac usou modelos vivos para criar as personagens: Felicidade Des Touches, a marquesa de Rochefide, Cláudio Vignon e Gennaro Conti. “O público da época reconheceu nessas quatro personagens modelos vivos, respectivamente George Sand, a Condessa de Agoult, Gustave Planche e Liszt, cujas ligações sentimentais eram objeto de constantes comentários, e com os quais Balzac convivia muito.”⁹⁸

Em *Sarrasine*, Balzac já visualizava Marie D’Agoult na pele de Beatriz? Era seu rosto que expressava espanto ao ouvir a história de amor entre Sarrasine e Zambinella? Era a imagem de Marie D’Agoult a se impressionar com a pintura no quadro de Endimião?

Terá Marie D’Agoult aprovado a descrição de sua personagem, feita por Balzac? “*Às luzes artificiais, Beatriz parecia mais bela ainda do que antes. As brancas claridades das velas produziam acetinados luzentes na sua fronte, acendiam lantejoulas nos seus olhos de gazela, e passavam através de seu bucles sedosos, abrilhantando-os e neles fazendo resplender alguns fios*

⁹⁷ WATSON, Derek. *LISZT*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1994, p.59.

⁹⁸ RÓNAI, Paulo. in. BALZAC, Honoré de. *A comedia humana* Rio de Janeiro : Globo, 1966, p.162.

de ouro.”⁹⁹ E mais adiante, na mesma história: *Beatriz*, descreve Gennaro Conti, personagem notoriamente inspirado no compositor Húngaro Franz Liszt. “...Homem de estatura mediana, delgado, franzino, de cabelos castanhos, olhos quase vermelhos, de tez alva e salpicada de sardas, sendo sua cabeça completamente semelhante à tão conhecida de Lord Byron, que descrevê-la seria supérfluo, mas trazia-a, talvez, melhor. Conti sentia-se bastante orgulhoso por essa semelhança.”¹⁰⁰ Gennaro Conti, de origem italiana, Franz Liszt, húngaro. Em comparação à descrição feita por Balzac de sua criatura Conti, inspirado em Liszt, Marie D’Agoult deixou registrada a sua primeira impressão do compositor: “...A porta se abriu e uma aparição maravilhosa – pois não consigo encontrar outra palavra para descrever o homem mais extraordinário que já vi – entrou no salão. Compunha uma figura alta e extremamente esbelta tinha um rosto pálido com olhos enormes, do verde-mar mais profundo, que soltavam chispas de fogo, um conjunto de traços sofridos, mas fortes, um caminhar deslizando que parecia flutuar por sobre o chão, em vez de marchar com firmeza sobre ele, e uma expressão perturbada e inquieta, como a de um fantasma para quem a hora de retornar à escuridão está para soar. Assim, vi diante de mim esse jovem gênio, cuja

⁹⁹ BALZAC, Honoré de. *Beatriz*. Rio de Janeiro : Globo, 1966, p.264.

¹⁰⁰ BALZAC, Honoré de. *Opus cit.* p.262.

vida inteira despertava, naquela época, tanta curiosidade quanto um dia seus triunfos haviam despertado invejas.”¹⁰¹

A possibilidade de se ver retratado de modo dúbio na ficção, amedronta o modelo. A obra, imortalizada pelo autor, sobreviverá ao modelo.

“A Marie retratada no romance como Béatrix, que troca o marido pelo compositor e cantor Gennaro Conti, é descrita com fria fidelidade a características físicas e de temperamento... O retrato de Liszt não parece verossímil, mas é coerente com o ponto de vista da década de 1830 e o filtro do trio D’Agoult – Sand – Balzac: artista frívolo e pretensioso, profético, demoníaco, angélico, exuberante, mas é interiormente frio e ocupado em brincar com criações alheias.”¹⁰² Na impossibilidade de contestar a criatura concebida na ficção, cabe ao modelo a tarefa de aceitar a “homenagem” ou então, ignorá-la. Em sua correspondência, em 1870 Liszt escreveu à Princesa Wittgenstein: *“De minha parte, continuo protestando – como há 30 anos, quando Béatrix e Nélida foram publicados – contra aqueles que tiram deduções de personagens de romances a respeito de pessoas reais que a eles se assemelham. O público pode divertir-se com essas coisas, mas os supostos modelos, o melhor que têm a fazer é manter-se perfeitamente indiferentes e*

¹⁰¹ . D’AGOULT, Marie. In. MORRISON, Bryce *LISZT*. Rio de Janeiro : Tecnoprint, 1992, p.47.

¹⁰² WATSON, Derek. *LISZT*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1994, p.59.

*conceder generosamente ao autor o direito de maltratá-los a seu bel-prazer.”*¹⁰³

Com o passar dos anos, dos séculos, a obra sobreviverá e nem todos ali retratados também terão sobrevivido na memória da sociedade. A ousadia de Balzac, ao retratar seres de carne e osso que conviviam e compartilhavam da mesma Paris que ele, ultrapassou as fronteiras do real. O mundo transcrito por ele na *Comédia Humana*, era o mundo como ele via. O escritor é um filtro da realidade que o rodeia. Não existe “verdade”; existe “ponto de vista”. E o “ponto de vista” do autor nem sempre é fiel, nem transpõe sequer uma aproximação desta. Mas, para o escritor, o que importa é criar. Colocar no papel o seu testemunho de criar, de “viver” em dois mundos: o real e o da ficção. O autor é o que cria. *“E é na obra ficcional e ensaística que encontramos a significação das marcas singulares do autor.”*¹⁰⁴ Não somente nas “pessoas” da sua obra, mas nos pássaros, gatos, natureza. O autor é toda a sua obra. Um pertence ao outro e vice-versa. *“É delicioso quando se escreve não sermos nós mesmos, mas poder circular por toda a criação à qual se alude. Hoje, por exemplo, homem e mulher juntos, amante e amada ao mesmo tempo, passei a cavalo por bosques, em um meio-dia de outono, sob folhas amareladas; eu era os cavalos, as folhas, o vento, as palavras que se diziam e*

¹⁰³ . LISZT, Franz. In. WATSON, Derek *LISZT*. Rio de Janeiro ; Jorge Zahar, 1994, p.60.

¹⁰⁴ VILLARI, Rafael Andrés. *Literatura e psicanálise : Ernesto Sábato e a melancolia*. Florianópolis : Ed. Da UFSC, 2002, p.110.

*o sol vermelho que fazia entrecerrar suas pálpebras, afogados de amor.”*¹⁰⁵ A visão da personagem que cria é muitas vezes tão real quanto a de qualquer ser de carne e osso. O escritor sente, vê e interage com seres ficcionais. Compartilham de momentos que só quem escreve pode testemunhar tais experiências. A escritora catarinense Lausimar Laus, confessa, em suas correspondências, essas “visitas” inusitadas de seus personagens: “...o Homig (personagem principal), aquele sujeito, tomou conta de mim, e nem me deixava dormir. Era uma tentação de 24 horas. Eu me levantava nas noites, para pô-lo em pé, quando estava sentado, para pô-lo correndo, quando ficava parado. Foi homem que eu nunca vi na vida, mas chegava a vê-lo tão perto, via-lhe a camisa, a cor, ouvia-lhe a voz, sentia até o hálito forte e másculo. Ele veio de não sei onde e não me deixou tranqüila, enquanto não acabei o romance. Outros personagens eu conhecera, eram pessoas que ficavam na minha cabeça. Mas aquele Homig, aquele veio em pele e osso, em palavras e orações, sacudindo-me...”¹⁰⁶

A presença da personagem na vida do escritor é marcante. “Um personagem começa a existir a partir do que não sou e preciso ser, com urgência, ser; a partir do que sou e não sei ou não encaro ser; a partir da nuvem nublada em mim mesma, nuvem que vou cortando e recortando em

¹⁰⁵ FLAUBERT, Gustave. In: SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. São Paulo : Companhia das Letras, 2003, p.105-6.

¹⁰⁶ . LAUS, Lausimar in: JUNKES, Lauro. *O mito e o rito*. Florianópolis : UFSC, 1987, p.91.

infinitas caras de mim...”¹⁰⁷ Depoimento, em tom confessional, como este, torna explícita a ligação autor/personagem. Amalgamados num mesmo ser, nutrem e instigam os mistérios da criação literária. Segundo Forster, “*As personagens apresentam-se quando solicitadas, porém cheias de espírito de insubordinação. Pois têm numerosas analogias com as pessoas como nós. Tentam viver suas próprias vidas e, com freqüência, atraíam o esquema fundamental do livro. “Fogem”, “escapam do nosso controle”: são criações dentro de uma criação e, em relação a esta, muitas vezes desarmoniosas. Se lhes é dada completa liberdade, fazem o livro em pedaços, caso mantidas sob controle muito rigoroso, vingam-se, e destroem-no por decomposição interna.*”¹⁰⁸ As personagens ao serem criadas, como observa Forster, “*não chegam assim frias à sua mente, podendo ser criadas em delirante excitação. Sua natureza, no entanto, está condicionada pelo que o romancista imagina sobre outras pessoas e sobre si mesmo, e, além disso, é modificada por outros aspectos de seu trabalho.*”¹⁰⁹ Os autores, em seus depoimentos, vão mais além: “*...um personagem é tudo o que, em você, eu amo porque não posso ser, tudo o que, de você, eu gostaria de ter, tudo o que, em você, eu odeio porque não posso ser, ou porque sou e você me faz ver. É você, enfim, apresentável. Sou eu, enfim, apresentável. Você e eu resgatados no modelo do que deveria*

¹⁰⁷ FELINTO, Marilene. In: BRAIT, Beth. *A Personagem*. 6.ed. São Paulo : Ática, 1998, p.84.

¹⁰⁸ FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Porto Alegre : Globo, c1969, p.52.

¹⁰⁹ FORSTER, E. M. *Opus cit.* p.34.

*ser. Um personagem é um filho nascendo (de um sonho egoísta?) no canto da sala. Ou, então, é apenas um ponto na almofada que, de mentirinha, foi virando lua, foi virando jambo, foi virando ganso, foi virando Beto, foi virando Vera – e virou verdade.”*¹¹⁰ Os seres que povoam a obra e a vida do autor se alimentam do amor do criador por suas criaturas. *“Eles vivem, tenha certeza. Vivem na vida e, depois vivem no meu papel. Mas falar do processo de criação de cada um deles é material de longa conversa. Claro que, se eu não os amasse, não teriam o que têm em termos de vida.”*¹¹¹ Uma relação íntima. Impossível investigar a criação da personagem sem invadir a intimidade do seu criador. *“Finalizando: Quanto a mim, o personagem surge com uma lembrança, um fato, qualquer coisa que me toca, no presente, em relação a qualquer coisa que me tocou, profundamente, no passado.”*¹¹²

Através da arte de criar o autor doa a si mesmo a possibilidade de vivenciar experiências. O momento da criação é denominado por alguns autores como uma aventura inusitada.

A escolha de não criar implicaria na escolha de não viver o mundo interior, no qual autor busca por ele mesmo. Nessa viagem pela escrita, o autor não caminha sozinho, a solidão o acompanha.

¹¹⁰ FELINTO, Marilene. In: BRAIT, Beth. *A Personagem*. 6.ed. São Paulo : Ática, 1998, p.84.

¹¹¹ ANTONIO, João. In: BRAIT, Beth. *A Personagem*. 6.ed. São Paulo : Ática, 1998, p.79.

¹¹² TORRES, Antônio. In: BRAIT, Beth. *A Personagem*. 6.ed. São Paulo : Ática, 1998. p.72.

Os mistérios da criação literária não desvendam a opção do autor em escrever. Algumas vezes, nem o próprio escritor saberia responder. Só sabe que necessita mergulhar nesse mundo dentro dele mesmo. Engana-se quem procurar no exterior, na figura do autor, as respostas para os mistérios da criação literária. O autor escreve pela necessidade de expressar-se. Dar o seu depoimento sobre o mundo que o cerca e vazão aos próprios sentimentos e mágoas. *“Também houve autores (como Sainte-Beuve) que louvavam as virtudes curativas da literatura...”*¹¹³ Incapaz, no caso de Sainte-Beuve, de dissociar a obra do autor, no momento de criticá-la. Tendo convivência com figuras como Victor Hugo, Balzac, George Sand, Alexandre Dumas, Franz Liszt, e tendo a sua teoria maior interesse no autor do que na obra, Sainte-Beuve sucumbiu ante a dificuldade de abster-se da opinião pessoal e vencer a proximidade com os gênios. O contato humano poderia, algumas vezes, contradizer a obra? *“O juízo imediato tende, às vezes, a desvalorizar o contemporâneo: a submissão com respeito aos modelos antigos, o temor de perder seus riscos, juntam-se, como em Sainte-Beuve, a uma invencível repugnância diante da proximidade do gênio. Julgar ao vivo é coisa difícil: mas a cada instante se julga ao vivo.”*¹¹⁴

¹¹³ NIETO, Ramón. *O ofício de escrever*. São Paulo : Angra, 2001, p.11.

¹¹⁴ PICON, Gaëtan. In: SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. São Paulo : Companhia das Letras, 2003, p.163-4.

Mesmo analisando o autor, qualquer crítico que deseja estudar a sua obra não pode acompanhá-lo na sua viagem pela criação. Precisa contentar-se com o que lê, com o que consegue desvendar da figura do autor e com o que o autor deseja revelar. Embora, o autor trabalhe com a realidade, não estará nela a sua total compreensão. *“É característico de um bom romance que nos arraste para seu mundo, que nele mergulhemos, que nos afastemos a ponto de esquecer a realidade. E, não obstante, ele é uma revelação sobre a mesma realidade que nos rodeia.”*¹¹⁵ Talvez, pelo fato de ser uma janela onde o leitor contemple a realidade, sem que ela o absorva. É sempre mais fácil seguir os passos de outrem, trilhar por caminhos já desbravados.

Através da realidade da obra, o leitor não tardará a identificar-se com as personagens e elas o conduzirão pelos labirintos do enredo, por onde o autor previamente trilhou, no momento da criação, nos mistérios da criação literária. Para alguns autores, as personagens têm tanta importância quanto os seres de carne e osso. Confessam a paixão e admiração por essas “pessoas” do romance e admiram-se quando parecem tomar para si as rédeas do seu próprio destino no texto. Através das personagens o autor manifesta a sua opinião sobre o mundo, as pessoas que o cercam e sobre si mesmo.

¹¹⁵ SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. São Paulo : Companhia das Letras, 2003, p.168.

Com a teoria procura-se exemplificar e analisar a criação literária. Alguns teóricos, pelo distanciamento, conseguem observar cientificamente o depoimento dos autores sobre a importância da obra nas suas vidas. Entretanto, esta análise jamais compreenderá o envolvimento do autor com a sua obra no momento da criação. Teóricos ficcionistas expressam com maior valor seus estudos sobre o ato de criar literatura. Estes sim seriam capazes de transpor para a teoria os “sintomas” que ocorrem durante a criação. A confissão auxilia no entendimento do ato de produzir ficção. Quando o autor, algumas vezes sem o saber, traz à tona coincidências entre a obra e a sua própria vida, concede aos teóricos a possibilidade de observar os mistérios que rondam a criação literária.

Mistérios da criação literária

A Criação

O apartamento parecia exalar um cheiro diferente. Nenhum ruído chegava aos meus ouvidos. Larguei a caneta sobre a mesa. Recostei na cadeira. Já havia iniciado o primeiro capítulo daquele que seria o meu segundo livro. Optei por uma continuação de *A Casa Sinistra*. Por achar a história inacabada, precisava de um novo começo e de um final inesperado. Algo surpreendente até para mim. Algumas personagens da primeira história não teriam mais espaço na segunda, cederiam lugar a outras. Caberia a mim dar vida a novos seres. E caberia a eles conduzirem o enredo encontrando o caminho traçado para cada um deles. Como disse Antonio Candido, no livro *A Personagem de Ficção*: “Não espanta, portanto, que a personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor. Tanto assim, que nós perdoamos os mais graves defeitos de enredo e de idéia aos grandes criadores de personagens.” Sabendo da importância desses seres ficcionais na minha própria vida e na minha escrita, busquei na memória a essência do que desejava criar. Guardamos na lembrança uma galeria de modelos aptos para virem à tona na hora em que doamos vida aos seres de papel. Momentos vividos, sonhos, histórias contadas por alguém do passado, tudo guardado e armazenado, suscitando personagens tão reais quanto qualquer um de nós. Naquele meu segundo livro, eu não transporia com fidelidade os modelos reais

para a ficção. Embora, quando se transpõe um modelo para a ficção, se desfigure a criatura, ao dar-lhe características muitas vezes ausentes no modelo real. Nesse caso, eu usaria a imaginação, a observação e também a memória.

No momento em que larguei a caneta, comecei a imaginá-lo. Um novo ser concretizava-se em minha mente. Moldei sua face, pinteí seus lábios, seus olhos. Esculpi o corpo. Escolhi para ele características físicas. A força do olhar surgiu de dentro dele. O sorriso não foi obra minha. Como pôde nascer tão forte assim? Quem era ele, meu Deus? Quem era aquele ser recém criado em minha mente? Só a imaginação é capaz de suscitar e de gerar um outro ser na própria mente. Eu o deixaria viver através da escrita. Eu o colocaria no seu espaço de existência: o texto. Mas... Ele não se encaixava no enredo! Naquele momento ele não poderia “entrar” na história! Não é assim que funciona! Não! Não jogamos as personagens nas histórias sem existir um verdadeiro motivo para a presença delas ali. Existem regras para a escrita e eu tinha as minhas! Definitivamente aquela personagem não pertencia à história!

A partir daquele momento, nada mais escrevi. Não fui capaz de me desassociar da minha mais recente criação. Lapidei suas feições, mãos, pés. A cor da roupa. Eu o via tão real quanto o sentia. Tão real quanto um ser ficcional poderia ser para um escritor. Baixei a cabeça sobre os braços. Tentei

descansar. Quando, sem querer, adormeci, uma incomum necessidade de escrever me despertou. Senti-me impelida a retornar à criação.

Digitava no computador o que havia escrito. Corrigia. Voltava a escrever no papel. A presença dele sempre me rondando. Não se afastava. Não vagava pelos outros ambientes. Ficava ali, perto de mim, dentro de mim. Que homem seria aquele, meu Deus? Por que eu o havia criado?

De súbito, larguei caneta e papel.

Coloquei-me de pé.

Precisava sair dali. Distrair o pensamento.

Fui até a cozinha. Cortei uma fatia do bolo de chocolate que eu mesma havia preparado naquela tarde. Coloquei num prato, enrolei com papel alumínio. Não haveria momento melhor para fazer uma visita ao meu vizinho do apartamento de cima. A necessidade de distrair-me dera-me a coragem; o bolo, o motivo.

Deixei o apartamento, sabendo que a levaria comigo. A personagem recém criada me acompanharia na visita, mesmo não tendo sido convidada.

O convite fora feito num rápido encontro com Nathan, na entrada do prédio. Foi a primeira vez que eu o encontrei desde a minha sagaz mudança para aquele edifício. Eu saía do elevador, quando esbarrei nele. Parado, de

costas na passagem, lia o jornal. Eu não erguera o olhar e bati o meu ombro no braço dele. Assustado, ele perguntou:

- Eu machuquei você?
- Não. Não foi nada. Eu é que não olhei. Falei, apressada.
- Você é nova no prédio, não é?
- Mais ou menos.
- Eu não a tinha visto antes...
- Eu saio pouco do apartamento.
- Meu nome é Nathan.
- Nathan?
- É, com “th”, como a personagem de Balzac.
- Balzac? A qual livro você se refere?
- *Ilusões Perdidas*. Nathan era o amigo de Luciano de Rubempré.
- É engraçado, mas eu ainda não o li. Conheço apenas *Beatriz, A*

mulher de trinta anos, A mulher abandonada... esse não.

- Que pena! Qualquer hora eu lhe empresto. Mas, você ainda não me disse o seu nome.

Fixou os grandes olhos azuis em mim.

- Leonora. Eu moro no 210.

- E eu no 310. O meu apartamento é em cima do seu. Apareça para uma visita...

Estava feito o convite!

Irrecusável!

Respirei fundo e toquei a campainha do apartamento dele. A mão trêmula. Sentia-me como uma adolescente e me odiava por isso! Não o deixaria perceber. Uma adolescente de quinze anos de idade! Assim eu me sentia. Leonora, falei em pensamento para mim mesma, você já é uma mulher de trinta anos! Pare de agir desse jeito!

Por que a demora? Deveria ter telefonado antes... Mas, eu não queria uma visita formal. Não queria ser esperada.

Abri um grande sorriso, quando ele abriu a porta.

- Olá, Nathan. Eu... Eu fiz um bolo de chocolate. Trouxe um pedaço. Não sei se você gosta.

- Nossa! Quanta gentileza! Bolo de chocolate sempre foi meu preferido.

Por que o olhar dele me deixava aflita? Grandes olhos azuis. O cabelo grisalho. Bigode e cavanhaque no mesmo tom. A pele muito clara.

- Vamos entrar? Convidou ele.

- Não quero atrapalhar você...

- Eu estava apenas lendo, sem nenhuma tarefa urgente.

Entramos.

Na sala, a luz de um abajur deixava o ambiente acolhedor. Logo ouvi as primeiras notas de uma melodia.

- Você gosta?

- É linda. Respondi, imaginando que ele se referisse à música. Eu não conheço. De quem é?

- Beethoven.

Ele sentou-se no sofá. Encaminhei-me para a poltrona, no lado oposto.

- Nossa! É linda mesmo! Eu conheço outras obras de Beethoven, mas não esta. Qual o nome?

- Sonata para violino e piano, *Primavera*, este é o “*Adagio molto espressivo*”.

- É maravilhosa!

- O que você faz, Leonora, além de bolo de chocolate?

- Sou professora.

- Então temos algo em comum.

- Você também é professor?

- Sou.

- Vejo que você gosta mesmo de ler. Falei, observando a estante repleta de livros, atrás do sofá.

- Não faço outra coisa. Brincou ele.

- Acredito. Embora eu saia pouco, nos quase cinco meses que moro neste prédio, nunca tinha encontrado você...

- Acho que não existe nada melhor do que ler e ouvir música. Pelo menos para mim.

Ele se mostrava muito diferente do que eu havia imaginado. O modo simples como dizia passar os dias me deixou surpresa.

- Você tem razão. Mas, para mim, existe algo mais.

- E o que é? Perguntou, curioso.

- Escrever.

- Você é escritora?

- Tenho um livro publicado. E estou tentando dar forma ao segundo.

- Qual é o nome do seu livro?

- Trarei um para você.

- Tenha certeza que eu o lerei.

Sorriu. Os dentes pequenos.

- Eu espero não atrapalhar você com ruídos aqui em cima quando você escreve.

- Não. Ler com música certamente não perturbará quem mora no andar abaixo!

- Você pode brigar se eu fizer barulho. Pode bater com o cabo da vassoura no teto do seu apartamento. Eu vou entender que é para fazer menos barulho. Brincou.

Levantei-me. Sentia ser a hora de voltar a escrever.

- Você já vai? Não quer beber algo? Café?

- Não. Obrigada. Eu preciso ir.

- Eu é que agradeço a visita e o bolo de chocolate.

Acompanhou-me até a porta.

- Boa noite. Falei.

- Boa noite, Leonora.

Atravessei o corredor, o coração aos pulos. Satisfeita com a minha desenvoltura. Eu o havia visitado! “Muita coragem a sua, Leonora.” Sussurrei para mim mesma. E um elogio desse, vindo de uma pessoa como eu, era para se sentir orgulhosa mesmo!

Não desci a escada sozinha. Mesmo quando conversava com o vizinho, “ele” estava comigo, não permitindo que eu alongasse a minha visita. Eu estava convicta, “ele” estaria comigo até conseguir inseri-lo na história.

Voltei à mesa da sala de jantar, onde deixara as personagens no aguardo do destino que pudessem forjar na minha imaginação. Tomei a caneta na mão. Ressuscitei a protagonista do primeiro livro: Luísa. Desta vez, ela seria a narradora. Conduziria os caminhos da narrativa e julgaria, através da sua perspectiva, a atitude dos outros. Já deixara de ser uma adolescente. Não mais mantinha um diário. Sacrificar-se pelo amor não correspondido eram águas passadas. O medo que a rondava na casa sinistra não a perseguiria mais. A história teria um clima menos lúgubre. Ainda que o livro não se enquadrasse no gênero policial. Todavia, as primeiras páginas continham grande dose de mistério.

O relógio solar não comandava o meu trabalho. Eu escrevia durante a noite, dormia durante o dia, quando necessário. A criação regia o meu tempo. Volta e meia, parava, tentava ouvir algum ruído vindo do apartamento de cima.

Nada! Silêncio.

Algumas vezes, sentia um hálito quente em meu rosto. Um sopro na pele. Julgava ser a personagem incentivando-me, exigindo a definição das

linhas do meu romance. Ela me rondava. Pressentia sua sombra, posicionada logo atrás de mim, enquanto eu me esforçava para desenvolver as anotações no papel.

Por que me impelia tanto para escrever se não fazia parte daquela história? Talvez achasse que poderia entrar numa próxima... Eu não fazia idéia...

A sua presença era suave. Nunca me causava medo. Como um bom presságio. Um ser nascido da minha imaginação, mas que sabia impor a sua vontade. Tão solitário, ali, na minha mente. Sem ter com quem se identificar. Ele só tinha a mim. E eu não era uma personagem. Eu não era como ele. Mas, me sentia como ele. Podia até compreendê-lo. Pensaria ele ser real? Eu vivia a minha vida. Ele se insinuava na minha, sem conseguir encaixar-se no seu universo. Ele precisava desprender-se de minha mente. Criador e criatura não compartilham do mesmo mundo.

Quando amanheceu, puxei as grossas cortinas da janela. Seria sempre noite ali. Dependeria de mim decidir quando deveria amanhecer. E isso só ocorreria quando eu conseguisse libertá-lo da minha mente.

Tudo era novo para mim. A ficção se mostrava como uma nova experiência, embora nunca se possa afirmar, num livro, onde começa a ficção e onde termina a realidade, ou vice-versa. Às vezes, a ficção e a realidade se

mesclam e se amoldam de maneira tal que nem mesmo o autor do livro é capaz de reconhecê-las e separá-las. Quando a realidade é transposta para o livro, perde o tom real e ganha tonalidades ficcionais. É como uma bala que derreteu o açúcar e grudou no papel. Um material impregnou-se no outro e seria impossível separar um sem mexer, alterar ou rasgar o outro.

A narrativa já estava criando corpo. No terceiro capítulo, Luísa começa a lecionar num colégio particular, faz novos amigos. Entre eles, Joana, uma professora austera, sempre a esconder de todos o seu passado, incapaz de conviver em paz... Não! Não! Como uma personagem dessa poderia conviver com Luísa e os amigos sem causar problemas? Não. Se eu a deixar na história, com essas características, cedo ou tarde ela vai se sobressair! Arrebatará para si as rédeas do seu próprio destino, imprimirá novo rumo aos acontecimentos, não terá condições de administrar o enredo e não era isso que eu queria. Ou amenizaria suas características, ou a tiraria da história, antes de crescer! Decidi renomear a personagem: Sara, fiel confidente de Luísa, casada e mãe de três adolescentes.

Naquela história não haveria tia. Nem passado. Nem casa sinistra... Nem padrasto. Luísa, a protagonista, libertara-se de todos. Uma nova mulher. Livre. Dona do próprio destino. Forjando um local para ela realizar-se

profissionalmente, me realizaria através dela. Amigos confiáveis, sinceros. Embora compartilhássemos de um passado, optamos por esquecê-lo.

A história tomava para si o meu ser por completo. Eu me realizava escrevendo, mas o preço a pagar não era desprezível. Enquanto concedia vida ao texto, nutria-me dele, porém nem sempre as trocas se davam em porções idênticas. A entrega do autor ao seu texto não está predeterminada, nem será comedida. A entrega é total e a vida passa a adquirir sentido na medida em que a criação se desenvolve. Mergulhada naquele mundo, com minhas criações, ouvi, ao longe, o som da campainha da porta. Outra realidade conduziu a atenção para fora do texto. Quase precisei dizer: “Calem-se! É a campainha!” E as personagens pareciam responder em coro: “Ah, não! Agora? Volta logo!”

Passei a mão, pesada, pelo rosto.

Espreguicei-me.

A campainha soou novamente.

Arrastei-me até a porta.

Espiei pelo olho mágico.

Não pude acreditar! Era ele! Nathan!

Sem saber como agir, olhei ao redor. Senti-me vulnerável! Eu não havia previsto uma visita.

Ouvi leves batidas na porta.

Lancei um olhar detalhado pelo ambiente.

Ajeitei o cabelo.

Fui atender.

- Olá! Eu estou atrapalhando? Perguntou-me, sorrindo.

O que poderia eu responder-lhe?

- É que eu não vi mais você e fiquei preocupado. Está tudo bem?

- Está. Eu não tenho saído muito. Tenho me ocupado com o novo livro... Você sabe...

- Ah, claro! Eu não quero atrapalhar...

- Não está atrapalhando. Interrompi. Eu preciso de um descanso mesmo.

Como era estranho vê-lo ali no meu apartamento, ou melhor, na porta do meu apartamento. Ainda não o tinha convidado a entrar.

- Entre. Eu disse, finalmente.

Segui seus passos até o meio da sala.

- Sente-se.

- Obrigado.

Cruzei as pernas e descruzei em seguida. Deixei as mãos sobre o braço do sofá, mas quando o olhar dele se fixou nelas, as recolhi para o colo.

Ele sorriu.

Estaria tão sem jeito quanto eu?

- Você aceita um café?

- Claro.

- Eu já volto. Fique à vontade.

Levantei e fui até a cozinha. Embora me perturbasse a idéia de o deixar a sós com as minhas anotações.

Resolvi ser rápida e voltar logo para a sala.

Abri o armário e peguei duas xícaras.

- Você me disse que estava escrevendo uma nova história. Já terminou?

Um dos pires escapou da minha mão. Espatifou-se no chão da cozinha.

No instante seguinte ele estava ao meu lado.

- Você se machucou?

- Não. Respondi sem perceber o sangue no meu dedo.

Ele abaixou-se para me ajudar a recolher os cacos.

- Você cortou o dedo! Deixe-me ver...

- Não foi nada. Falei de imediato.

Ele segurou a minha mão. Colocamo-nos de pé.

Abriu a torneira. Lavou o ferimento.

- Não foi muito profundo.

- Não foi nada. Repeti.

Ele tirou um lenço branco do bolso. Enrolou no meu dedo, apertando levemente para estancar o sangue. Enquanto isso, eu o observava sem ele notar. O rosto próximo do meu. Nathan.

- Segure assim. Já vai parar de sangrar. Disse-me.

Tive vontade de chorar. Não por causa do ferimento ou pela dor que fingia não sentir, mas pela situação, o comportamento dele e o meu... Sentia-me como uma adolescente.

- Está doendo muito?

- Não. Menti.

Ele apanhou outra xícara com o pires, no armário. Serviu o café nas duas e carregou-as até a mesinha da sala.

Sentamos.

Os olhos dele começaram a percorrer o ambiente. Parou num bicho de pelúcia, numa das poltronas.

- Aquele gato cinza com olhos amarelos se parece muito com um gato de verdade que eu tive há muito tempo...

Ficou pensativo por um momento. Depois perguntou:

- Ele tem nome?

- Não.

- Nossa, ele se parece realmente com o gato que eu tive... Só que o meu era de verdade, é claro! Ele é o seu cúmplice na criação da história?

Achei graça. Não conhecia o seu senso de humor. Aliás, aparentemente ele não demonstrava ser um homem com senso de humor! O cabelo levemente grisalho, o bigode e o cavanhaque davam-lhe uma aparência austera. Entretanto, com o sorriso moldando-se em seu rosto naquele momento, diria até que ele remoçava. A diferença de idade entre nós não chamaria a atenção. Eu era uma mulher de trinta anos. Se eu fosse uma adolescente, sim. Quantos anos ele tinha? Pouco mais de cinquenta, talvez. Impossível precisar.

- Bem, eu já tomei muito do seu tempo. Vou embora.

- Eu gostei da visita. Falei, sincera.

Acompanhei-o até a porta.

- Boa noite, Leonora.

Sorri.

Fiquei olhando, enquanto ele subia as escadas e só então fechei a porta e entrei.

Respirei fundo.

Voltei à mesa onde deixara minhas anotações. Tirei o lenço da mão. Observei o corte no dedo. O lenço manchado de sangue.

- Manchei o lenço dele com o meu sangue... Sussurrei.

Hora de retomar o mergulho na ficção. Hora de atender ao chamado insistente dos que buscavam vida através de mim. O ruído de passos no apartamento de cima teimava em se repetir. O que estaria ele fazendo? Fiquei imaginando...

Certo, então Luísa alugou um apartamento e... Por que ele andava tanto pela sala?

Voltei o meu olhar para o papel. Minha atenção sobrevoava o ambiente. Pairava pelo alto, na tentativa de transpor a laje de concreto e alcançar o andar acima. Fechei os olhos em busca de concentração. Concentração deveria ser vendida em cápsulas! Seria só ingerir e pronto!

Dispersa, levantei. Fui até a cozinha. Pus água para ferver. Apanhei um pacote de macarrão instantâneo. Quem sabe se, com o estômago saciado, eu conseguiria concentrar-me na escrita.

Depois de pronto, levei o prato para a mesa. Ali fiz a minha refeição, em meio às anotações. Trocava o garfo pela caneta, quando a idéia não podia esperar.

Acabei adormecendo, sentada, a cabeça apoiada sobre o braço, na mesa.

Havia um quintal, a grama verde, roupas estendidas em um varal. Eu caminhava por entre os lençóis brancos. Procurava algo. De repente, ouvi passos às minhas costas. Eu precisava encontrar! Onde estaria? Então alguém chamou meu nome, me virei, assustada. Era minha mãe. Perguntou: “O que é isso?” Quando eu me preparava para dizer: “É o lenço de Nathan”, ela abriu o tecido e este foi se estendendo e se alargando, até transformar-se num lençol de casal. Um lençol de casal manchado de sangue! “Menina, o que é isso?” Gritava ela, à minha frente.

Acordei de imediato. Abri os olhos e vi o lenço manchado sobre a mesa.

Fui até o banheiro. Passei água no rosto. Escovei os dentes.

Retornei à sala.

Segurei as folhas com as últimas anotações feitas.

Voltei algumas páginas. Li atentamente:

“Não faço a menor idéia para onde a vida vai levar-me. Tenho procurado não pensar no passado. Alguns sentimentos teimam em ressuscitar nos meus sonhos. Vejo a casa onde cresci, sinto o cheiro dos

doces preparados por tia Eva. Mas, são somente sonhos. Lembranças que teimam em não me abandonar. Creio que jamais esquecerei o passado e já me conformei com isso. Quero apenas seguir em frente. As feridas, eu curo com o passar dos anos. Sei que não posso fugir para sempre, mas ainda não chegou a hora de voltar...”

Parei.

Retomei a leitura.

“As pessoas que eu conheço me respeitam. Aqui, eu não tenho passado. Não escondo meus verdadeiros sentimentos. A experiência que vivi, quando adolescente, não desejo a ninguém. Uma paixão dissimulada pode levar uma pessoa a cometer erros gravíssimos ou simplesmente fugir, como eu fiz.”

- Eu escrevi isso? Por onde anda o meu pensamento? Murmurei, admirada com a minha letra revelando emoções que eu julgava esquecidas.

Teria sido “ele” a buscar aquilo tudo no fundo da minha alma? A minha personagem? Colocara palavras na ponta da minha caneta? Ou talvez “ele” tenha despertado em mim tais sentimentos! Na criação literária, as

emoções são degustadas sem cúmplices. E “ele”, desesperadamente, compartilhava sua sensibilidade comigo. Ele não pertencia ao mundo real. Tentava expressar-se através da minha escrita. Ou seria o inverso? Através dele eu conseguia traduzir meus próprios sentimentos?

Resolvi deitar-me. Dormir na minha cama. Esquecer, pelo menos por algumas horas, as anotações.

Acordei ao meio-dia. Não havia fechado a cortina da janela do quarto e o sol invadia o ambiente. O sol! Há quanto tempo não o via! E há tanto mais não o sentia na pele. Se eu desejava terminar aquele livro durante as férias de inverno do colégio, precisaria sacrificar-me. A disciplina é a aliada indispensável do escritor. Sairia do prédio somente para as compras mais urgentes. Fiquei ainda alguns minutos deitada. Depois, tomei um demorado banho de chuveiro.

Preparei um sanduíche. Abri uma lata de refrigerante. Aquele seria o meu almoço. Levei-o para a mesa, na sala de jantar.

Percebi quanto estava faminta, após começar a comer.

Entre uma mordida e outra no pão, retomava a caneta e anotava detalhes importantes na história. Seria uma pincelada aqui, outra ali, se eu

estivesse pintando um quadro. As artes, de um modo geral, têm entre si muito em comum.

Eu esquematizava e desenvolvia a história paralelamente. Não tinha idéia de como a finalizaria. Deixava as idéias surgirem aos poucos, no seu tempo, conforme as personagens desempenhassem ou não o papel que queriam assumir. Quando escrevi *A Casa Sinistra*, o processo de criação não fora igual. Eu o tinha todo esquematizado. Preparara um roteiro e só então desenvolvi a história no computador. Talvez por precisar vigiar de perto as próprias palavras. Desta vez, deixava o pensamento solto, para que a personagem que me induzia a escrita me conduzisse a seu bel prazer.

Luísa, desta vez, narrava a sua própria história. Falava sobre si. Não chegaria ao leitor através das palavras escritas no diário e lidas e interpretadas por outra personagem.

Depois de encher duas páginas escritas a caneta, passava para o computador. Neste, transformava as duas páginas do esquema em cinco ou seis. Deixava a imaginação expandir-se, livre. Com a segurança das anotações prévias, enriquecia o mundo que envolvia as personagens. Dava-lhes cor, vida e realismo ficcional. E também um passado, uma referência para se desenvolverem.

O sanduíche pela metade, aguardava no prato.

Iniciei a correção. A escrita saciara a minha fome. Nada mais nutritivo e saudável do que a criação literária! Bastaria, para mim, nutrir-me de imaginação. Sentia-me uma autora abastada. A dispensa repleta de criatividade. A escassez não se abateria sobre mim enquanto “o inquilino” habitasse a minha mente.

Eu naquele momento era Luísa. Poderiam chamar-me por este nome, eu atenderia. Eu atenderia a todos os nomes incorporados naquele romance. Afinal eu era todas as personagens. Todas se constituíram e nutriram do meu ser. Doei a elas partes de mim. As personagens nascem de dentro do autor, mas depois, ao fazerem parte da história, o autor ainda estará por detrás de cada uma delas? Seria a voz do autor que se ouve? Até o momento da publicação o livro é do autor! Depois, passa a ser do leitor, e dos críticos, quando esses se interessam. É como quando se está gerando um filho. Depois que nasce, aos poucos ele se solta no mundo.

Meus olhos ardiam, presos à tela do computador. Desviei-os para um canto da sala. Fixei-os no gato cinza. Um dia escreveria uma história usando-o como protagonista. “O gato cinza”, eu a chamaria. E não me importaria com a semelhança do conto de Allan Poe. Sorri. Os olhos amarelos do bichano refletiam o brilho da tela do computador.

Ouvi a campainha tocar.

Automaticamente, levantei e fui atender.

Abri a porta sem antes olhar quem era.

Nathan!

- Eu vim convidar você para jantar comigo. Você aceita?

- Jantar?

Olhei o relógio.

Jantar? Há quanto tempo eu não jantava! Vinha me alimentando de sanduíche, macarrão instantâneo e literatura há vários dias. Como eu negaria um convite para jantar?

- Vamos? Insistiu ele.

Fez um leve gesto com a cabeça, as mãos enfiadas nos bolsos da calça.

Fechei a porta do apartamento e o acompanhei escada acima.

- Como está o seu dedo? Perguntou.

- Já está bom. Respondi.

Lembrei que talvez ele quisesse o lenço de volta. Eu nem o havia lavado e nem o faria. Afinal, era somente um lenço, não um lençol, como no meu sonho e... Ele deveria ter muitos outros, aquele não faria falta.

Ele abriu a porta do apartamento.

Entramos.

Na sala de jantar, a mesa posta para dois. Pratos, talheres, guardanapos, copos, distribuídos com esmero sobre a toalha branca.

- Eu preparei uma lasanha de frango. Espero que você goste.

- Adoro! Eu não tenho feito uma refeição descente desde que comecei a escrever o romance.

- Você está com fome, mas não se sente muito à vontade na minha casa, não é? Observou ele.

Tentei disfarçar. Sorri.

Eu nem ao menos tinha sentado.

Estacara, de pé na entrada.

- Vou buscar o nosso jantar. Fique à vontade, por favor.

Como? Eu bem que me esforçava! Olhei ao redor. Os livros na estante. Tudo organizado!

Ele trouxe o prato com a lasanha. Nem lhe ofereci ajuda. Onde eu havia deixado a minha educação?

Sentamos à mesa.

Um jantar à meia luz, regado a vinho branco e Beethoven.

Procurei manter a atenção no meu prato, e esquecer os grandes olhos azuis à minha frente.

- Está ótima! Falei. Você gosta de cozinhar?

Ele confirmou com a cabeça, enquanto colocava o garfo entre os lábios.

Sorriu.

Esvaziei a primeira taça de vinho.

Ele adiantou-se em servir-me mais. Encheu também a sua.

Já não me sentia tão nervosa. Achava graça em tudo que ele falava.

- Agora vamos à sobremesa! Disse ele.

- Não brinca!

- É brincadeira. Eu não sou bom com doce. Confessou ele.

Eu ri, reprimindo um comentário do tipo: “Você já é um doce, Nathan”. Nossa! Eu havia exagerado no vinho!

Sentamo-nos no sofá. Cada um numa extremidade.

- Eu criei uma personagem. Comecei, acariciando a franja de uma almofada. Não consigo colocá-la na história. Simplesmente não consigo encaixá-la! Confessei, audaz.

- Como ela se chama?

- A história ou a personagem?

- A história.

- Ainda não dei nome para ela. Respondi, de um modo afetado.

- E a personagem?

- Na verdade não é “ela” é “ele”. Eu não dei nome para ele também.

Acho que ele só terá um nome quando eu conseguir encaixá-lo. Afinal, só temos um nome por termos alguém para nos chamar por esse nome, para nos identificar, não parece natural? Ele não tem! Não tem ninguém para chamá-lo pelo nome. Ele só tem a mim para dar-lhe existência.

Encarei-o. O seu olhar não desviou do meu rosto.

- E por que você não o coloca na história? Não fez isso com as outras personagens?

- Ele não se encaixa! Não teria como entrar neste momento...

Murmurei. Você está achando que eu sou louca, não é? E está arrependido do convite para o jantar.

- Você é a criatura mais misteriosa que eu conheço! Conte-me mais.

Com o incentivo e a terceira taça vazia, continuei.

- Ele não me deixa dormir. Parece ter vida própria, vontade própria.

Ele, às vezes, comanda o que eu escrevo!

- Você o criou, você é superior a ele!

- Será? Se ele estivesse inserido na história, estaria limitado a ela...

- Eu nunca imaginei que uma personagem conseguisse manifestar-se desta maneira! Na minha opinião ela não pode existir fora do universo da

ficção. Veja bem, o nosso mundo real não é o dela! Aqui fora a personagem não sobrevive!

- Esta personagem que eu criei não está aqui fora, está dentro da minha mente. Declarei, solene.

- Como você a vê? Como ela é?

Parei um pouco para pensar. Não era seguro falar sem ponderar primeiro.

- Acho que você deveria arriscar e colocá-la na história. Comentou sem esperar a minha resposta para a sua pergunta anterior.

- Não é assim. Ela ainda não se encaixou... Esta personagem é um ser, um homem, não é uma peça. Precisa fazer sentido para o desenrolar da trama. Eu apenas a sinto presente em mim, aguardando... Incentivando-me a escrever...

- Vou começar a sentir ciúmes “dessa personagem”. Falou sério, os olhos nos meus.

Disfarcei, sorrindo.

- Ciúme de um personagem! Imagina! Protestei.

- Parece loucura, não é?

- Acho que sim. Respondi, hesitante, um tom misterioso na voz.

- É, mas não há ninguém mais próximo e íntimo de um escritor do que as suas personagens. Dizem que Balzac via e convivia com as personagens dele. Dizem, não é mesmo? Acentuou, sorrindo. Você também as vê? Elas rondam o seu apartamento?

- Sim. Respondi simplesmente.

- Acho que o seu apartamento anda muito movimentado ultimamente, não é?

- Não tenho do que reclamar. Brinquei.

- O meu, pelo contrário, anda muito solitário.

- Mas eu estou aqui.

Ele largou a taça de vinho. Aproximou-se. Sentou ao meu lado.

Pensei comigo: Ele é real, ele é real! Não é um fantasma. Não é uma personagem.

Ele, então, aproximou-se ainda mais.

Senti a sua respiração no meu rosto. O hálito inebriante de vinho. Acariciou suavemente os meus cabelos com as pontas dos dedos.

- Leonora, eu quero beijar você.

Aquele momento deveria ficar registrado para sempre. Se eu tivesse o poder de congelar o tempo, assim o faria. Como quando paramos de escrever uma cena e as personagens ficam lá, estáticas, aguardando o próximo

movimento do escritor para tocar suas vidas. Por que não tinha eu o mesmo poder sobre aquele momento? Somente assim poderia transcrever todos os sentimentos que tumultuavam e afloravam na minha mente, nos breves segundos em que os lábios dele demoraram até tocarem os meus. Desejei ter uma caneta na mão para reescrever as cenas, os próximos capítulos daquele romance recém iniciado. Resolvi ser a personagem. Não mais a escritora. Personagem principal da minha própria existência. Deixaria o desejo conduzir o desenrolar da cena seguinte. Como cenário: o quarto de Nathan.

Eu não seria capaz de criar na ficção um momento como aquele! Talvez fosse até capaz de descrever, mas jamais sentiria, através da escrita, o que sentia com Nathan. A diferença se definia em diversos sentidos. Ou melhor, nos cinco sentidos. Estar com Nathan, sentir a atenção e o carinho dele só para mim... Levá-lo ao prazer. Uma experiência compartilhada! Diferente da solidão da criação literária. Diferente.

Acordei e fiquei por algum tempo olhando o ambiente à minha volta.

Aquele não era o meu quarto. Não!

Eu me encontrava no quarto do meu vizinho!

O jantar, a conversa, o vinho, a noite de amor. Tudo voltava a minha mente.

Ergui o corpo.

Olhei para o homem ao meu lado. Ele dormia.

Não me senti culpada por acordar ali ao lado dele! Luísa teria feito o mesmo na história! Ela ainda o faria, na primeira oportunidade que se apresentasse. Eu seria benevolente e proporcionaria a ela também uma noite de amor! Se surgisse na vida dela, no texto, alguém como Nathan.

Em meio às minhas divagações, os olhos dele se abriram e fixaram-se em meu rosto.

Sorriu.

- Bom dia! Falei.

Ele aproximou o rosto do meu.

- Bom dia, Leonora! Que bom que você está aqui comigo. Sussurrou em meu ouvido.

Como é agradável o contato com os seres humanos, às vezes! Uma personagem jamais me surpreenderia daquela maneira! Mesmo eu a libertando no texto.

- Você dormiu bem? Perguntei.

- Muito.

Sorriu. Puxou o lençol sobre o peito.

- Há muito tempo eu não dormia tão bem! Confessei.

- Então, já sabe aonde ir quando precisar de uma boa noite de sono.

Brincou ele.

- Olha que eu venho mesmo!

- Que tal jantarmos hoje?

- Aqui? Perguntei.

- É onde você dorme melhor!

Por que as minhas personagens não falavam daquela maneira?

- Pode ser lá em casa, se você quiser. Ofereci.

Eu estava sendo educada. Preferia estar ali, no apartamento dele, no quarto dele!

- Oito horas eu vou chamar você, está bem?

- Ótimo!

- Você estará mergulhada na criação do seu livro, vai precisar de um salvador. Eu serei o seu herói! Salvarei você! Trarei você de volta ao mundo real.

Como eu poderia agradecer? Bem, confesso que, naquele momento, encontrei uma maneira...

Eu era a escritora, a narradora e a protagonista da minha própria história!

- “Nathan! Nathan!” Sussurrei, enquanto descia a escada.

No meu apartamento, o dia não havia amanhecido. Corri até a janela. Abri as cortinas. Sentei no sofá. Peguei o gato de pelúcia. Abracei e beijei seu pêlo cinza. Fiquei por alguns momentos olhando para o teto.

Silêncio.

Escrever! Escrever!

O pensamento instalou-se na minha mente. E logo a necessidade despertou em mim. Luísa precisava dar continuidade à sua vida. Direcionar o seu caminho. O relacionamento com Nathan incentivou-me a compartilhar da felicidade com ela.

Levantei.

Olhei os papéis sobre a mesa.

Puxei a cadeira. Sentei.

Revi alguns trechos. Havia sempre a necessidade de retroceder para ir em frente. Reler algumas linhas para penetrar no universo ficcional e voltar a regê-lo. Luísa atravessava um período crucial da sua vida. Um aluno seu demonstrava um sofrimento reprimido e ela tentava descobrir o motivo. Aluno? De onde surgiu essa personagem? De onde surgiu a idéia? Claro, ela era professora, mas... Quem mais tinha planos para ela além de mim? Numa conversa sincera com esse jovem, Luísa percebeu quantos problemas o

adolescente carregava consigo. Quis ajudá-lo. Discretamente passou a analisar o comportamento dele, durante as aulas e fora delas...

“- Eu tenho observado você durantes as aulas, Tasso. Você me parece ausente! Não entrega mais os trabalhos na data, não vem no dia da prova...

- *Professora, eu esqueci o trabalho em casa, já lhe disse.*

- *E a prova, Tasso, por que você não veio fazer? Estava doente?*

- *É, eu estava. Respondeu, amuado.*

- *Então traga um atestado médico.*

- *Eu não fui ao médico, só não me sentia muito bem para vir à aula.*

Explicou ele.

- *Eu estou muito preocupada com você. Quero ajudá-lo!*

Fiquei por alguns instantes observando o rapaz, seus olhos encheram-se de lágrimas. Mordeu os lábios para não chorar. Tão quieto e concentrado no início do semestre! Sempre o primeiro a entregar os trabalhos, todos o queriam na equipe... De repente, se afastou dos amigos e vice-versa. Faltava às aulas, não fazia as tarefas. Como eu gostaria de descobrir o que estava acontecendo com ele! Mas se ele não falava, como eu descobriria?

Conversei com os outros professores. Queria saber se o mesmo acontecia nas outras disciplinas.

- Às minhas aulas, há muito tempo ele não assiste. Respondeu Sara quando a procurei na hora da pausa.

- E você não tentou conversar com ele? Eu quis saber.

- Tentei, mas se ele não aparece na aula, como vou conseguir? Mandei recado pelos amigos. Mas, não adiantou muito.

- Eu ando preocupada com ele. Alguma coisa aconteceu com esse rapaz. Ele não era assim! Vou procurar saber dos outros professores.

- A Soninha e o Tobias estão atrás dele.

- Por quê?

- Ele ficou de devolver uns livros e não trouxe ainda. Imagina! Logo aquele menino que vivia na biblioteca! Agora não põe mais os pés lá!

- Eu o estava observando na hora do lanche. Ele se isola num canto. Não conversa com ninguém. O comportamento dele está deixando-me muito aflita. Preciso fazer algo por ele. Você o conhece há muito tempo?

- Conheço. Ele estuda aqui no colégio desde menino. Desde o primeiro ano, se eu não me engano. Sua mãe sempre participava das reuniões, uma mulher muito bonita. O pai era professor. Já deve estar aposentado.

- *Ele é filho único? Perguntei.*

- *Creio que sim. Um pouco mimado. Mas, é natural que o fosse.*

- *Você sabe que ele quase chorou quando eu lhe perguntei o que estava acontecendo com ele? Por um momento achei que ele se desmancharia em lágrimas e contaria seu problema, mas ele se conteve. Talvez se eu tentar novamente...*

O ruído do telefone perturbou a minha concentração. Tentei continuar. Fingi não ouvir.

Impossível!

O insistente toque do telefone sobrepôs-se à minha atenção na história. O que fazer? Melhor seria atender e acabar logo com o barulho.

Larguei a caneta na mesa.

Deveria ter desligado o aparelho antes de começar a escrever. Uma boa idéia! Faria isso logo depois de despachar aquele intruso!

A Vida e a Obra

Eu estava decidida, a minha dissertação de mestrado seria uma análise do livro *A Casa Sinistra*, da escritora J. Lins!

Não era um livro conhecido. Mas era policial e esse gênero sempre me chamou a atenção! Poderia escolher sob qual aspecto desejaria trabalhá-lo. Já o havia lido há alguns meses. O livro fora publicado por uma editora local. Eu suspeitava que a escritora também fosse da cidade. Gostei da escolha e o mesmo ocorreu com o meu professor orientador do mestrado, quando estive com ele no dia anterior.

- Professor, eu queria escolher um livro com uma boa história de suspense. O senhor sabe, eu adoro um mistério e, se eu não me identificar com a obra, será somente mais um trabalho científico. Isso eu não quero...

- Você tem várias opções e deve escolher algo com que realmente se identifique.

- Parece que tudo já foi escrito sobre as obras famosas. Eu não quero bater na mesma tecla, ora! Quero algo atual, o senhor compreende? Uma

história passada nos nossos dias, com personagens que se pareçam com as pessoas que encontramos na rua, como eu e o senhor.

- Decida-se com calma. Você tem bastante tempo para a pesquisa.

Aconselhou ele.

- Eu li há algum tempo atrás um romance que me chamou a atenção.

Chama-se *A Casa Sinistra*, de J. Lins, o senhor conhece?

- Não. Não conheço.

- É bem interessante! É classificado como ficção policial, mas não segue uma linha tradicional: criminoso e detetive. Essas duas figuras não existem no livro. Aliás, não há crime algum na história. Mas, o suspense e o mistério se escondem atrás de cada palavra, de cada personagem. A história é narrada através do diário de uma das personagens. Uma amiga encontra o caderno e discorre sobre a adolescência de ambas. A leitura me prendeu do início ao fim! Era como se eu, leitora, a cada página, fosse desafiada a investigar mais e mais.

- Pode ser interessante! Depende, é claro, do que você irá abordar na análise da obra.

- É, isso eu ainda preciso pensar... Quem sabe se eu conversasse com a autora, surgisse alguma idéia...

- Esqueça a autora. Adiantou-se ele. Detenha-se na obra.

Esquecer a autora. Repeti as palavras dele em pensamento. Seria possível? Ler um livro e esquecer quem o escreveu? Existiria aquela obra sem a autora? Bem, não era exatamente isso que ele dissera, aconselhara-me apenas a me ater à obra.

E foi o que eu fiz.

Trancada em meu quarto, reli a primeira página de *A Casa Sinistra*.

“*Hoje ele veio morar em nossa casa*”. Com esta frase Luísa começava o seu diário. Um diário! Poderia haver algo mais sublime e íntimo? Com aquelas palavras, uma simples adolescente como eu confessava o seu amor impossível. Os primeiros sintomas da paixão nasceram ao ouvir o “Adagio molto espressivo” da “Sonata para violino e piano, em Fá Maior”, “*A Primavera*”, de Beethoven.

Beethoven!

Larguei o livro sobre a cama.

Fui até a sala.

Mimô, um pequeno poodle cinza, dormia no tapete.

Olhei os discos na estante. Passei o dedo lentamente, selecionando um por um e inspecionando.

Ouvi barulho às minhas costas.

Virei, de súbito.

- Pai, o senhor tem algum disco de música clássica?

- Tenho sim.

Ele juntou-se a mim na procura. Fiel aos seus discos de vinil, conhecia a coleção de cor.

- O que você está procurando, Fabi?

- Beethoven.

- Olhe este! É de Beethoven.

Segurei.

- “Leonora”... Não, não é esta música. É uma sonata...

- Não. Só tenho este mesmo! Talvez eu encontre nas coletâneas.

Tenho que dar uma olhada.

- Deixa, pai, deixa. Era só curiosidade minha. Vem, Mimô, vem dormir.

De volta ao quarto, sentei à escrivaninha. Mimô deitou-se na minha cama. Abri a gaveta. Mexi nas anotações. Projetos, resumos, roteiros

inacabados. Todos! Inacabados! Se ao menos eu escolhesse um para concluir...

Olhei para *A Casa Sinistra* sobre a minha cama. Como deveria ser gratificante para um autor ver o seu livro publicado! O trabalho do mestrado seria um desafio. “Começar” se mostrava sempre mais fácil para mim. Entretanto, dessa vez, jurei concluir a dissertação. Por isso era imprescindível ser do meu agrado a obra escolhida para a análise. Não só isso! Precisava despertar a minha curiosidade.

Curiosidade! *A Casa Sinistra* chamou-me, à primeira vista, a minha atenção pela ilustração da capa. Uma casa, como aquelas dos filmes de assombração, parecia convidar o leitor a “entrar” na história. E eu aceitei o convite. Mergulhei no mistério e convivi durante dois dias com as personagens da trama que se enredava em torno de uma adolescente, despertando para o amor. A casa, servindo de cenário, assistia a tudo no mais silencioso conchavo. Eu, cúmplice do amor proibido da protagonista, me compadeci do seu sofrer.

Naquela momento, eu não me envolveria no drama da personagem. Distanciaria-me na leitura para analisar o que realmente interessava na obra.

Lembrei-me então do que lera, certa vez, em Poética de romance, matéria de carpintaria, de Autran Dourado. O autor confessava ter perdido a inocência de leitor e não conseguia mais se entregar à magia da leitura: *“...eu ficava o tempo todo observando como ele conduzia a sua narrativa, de que maneira conseguia os seus efeitos, como fabricava as suas imagens. Em vez de me entregar ao ritmo da prosa, ficava vendo como ele alcançava esse ritmo através de elementos objetivos.”*

Talvez essa perda de ingenuidade não seja crônica. Depois de dissecar, ou melhor, demolir A Casa Sinistra, poderia eu me envolver naquela trama novamente? Depois de “apurar” a minha visão para a produção à qual eu me dispusera, as obras que por ventura eu lesse no futuro não teriam o mesmo impacto sobre mim. Seria o preço a pagar.

Todavia, a segunda leitura não me revelou muito. Talvez eu estivesse, ainda, muito envolvida com as personagens.

Peguei um caderno e comecei a anotar os pontos que deveria analisar na obra. Isso me ajudaria a manter a lógica para uma análise distanciada da história.

Por mais que eu lesse e anotasse itens sobre o narrador, a estrutura, o estilo da autora, sentia a necessidade de descobrir para além da análise da obra. A planta baixa do livro não me revelaria, por exemplo, de onde

surgiram aquelas personagens tão cheias de vida. Por mais que eu traçasse ângulos e retas no desenvolvimento da narrativa, não desvendaria o verdadeiro motivo daquelas criaturas direcionarem as suas vidas daquele modo. Isso eu não descobriria no livro! E era isso a me interessar! O que a autora ali escrevera, todos podiam ler. Eu desejava ler mais. Saber mais. Não somente interpretar sob esse ou aquele ponto de vista. E se não fosse nada disso a intenção da autora? Somente ela poderia dizer. Somente ela.

Passei grande parte da noite pensando. Visitei, por várias vezes, em sonho, *A Casa Sinistra*. Lá, não encontrei as personagens, a autora veio me abrir a porta. Acordava de súbito, temia entrar. Receava arrepender-me. Entrar na Casa Sinistra, conhecer a autora, era um caminho sem volta.

Eu precisava estar certa de que realmente valeria a pena. Mas como saber, sem tentar? Se os próprios autores confessam a importância e o envolvimento da criação literária em suas vidas, por que eu daria ouvido aos teóricos que jamais experimentaram o êxtase de criar?

Achei melhor não consultar a opinião do meu orientador. Sabia o que ele me recomendaria e decidi contar-lhe depois. Depois que eu conseguisse contato com a autora de *A Casa Sinistra*.

Não foi difícil conseguir o telefone da escritora. O editor me cedeu, com prazer. Com a posse do número, liguei imediatamente.

Houve demora em atenderem o telefone.

Quase desisti.

Finalmente ouvi um “alô”, abafado.

- Por favor, eu gostaria de falar com J. Lins, autora do livro *A Casa Sinistra*. Ela está?

- Está falando com ela.

- O meu nome é Fabiana, eu sou estudante de pós-graduação em Literatura e gostaria de conversar com a senhora sobre o seu livro. A senhora teria um tempo para me receber?

Silêncio.

- Poderia ser amanhã? Insisti antes de ouvir a resposta.

- Pode ser. Depois do almoço, está bem? Eu vou lhe passar o meu endereço.

- Obrigada. Pode falar.

A voz da escritora me pareceu como a de uma garotinha. Embora por telefone sempre haja uma mudança no tom. O importante era que eu tinha em mãos o endereço dela e poderia estar nascendo naquele momento a minha dissertação de mestrado.

Procurei não pensar no que diria o meu orientador. Assumiria os riscos.

O esperado encontro com J. Lins seria o começo de tudo.

Como seria ela? Jovem? Simpática? Opor-se-ia ao meu trabalho? Como ela me receberia? Uma escritora de história policial! Seria igual aos escritores de outros gêneros? Edgar Allan Poe não era como os outros escritores! E Agatha Christie? Alguém suspeitaria que aquela senhora inglesa escrevia sobre crimes e era especialista em veneno? O mistério no livro de J. Lins se encontrava nas personagens e na casa onde a protagonista cresceu: A_Casa Sinistra. Eu visitaria, no dia seguinte, a casa da escritora. Seria esta também sinistra? Em qual mundo vivia a escritora? Uma escritora de história policial!

Toquei o interfone do prédio onde J. Lins morava, às duas horas da tarde. O edifício moderno colocou abaixo o primeiro mito erguido sobre ela. Como achava inspiração em meio ao tumulto do centro da cidade?

Uma voz me mandou subir.

“Agatha Christie, aqui vou eu”. Pensei comigo.

No elevador, lembrei do bloco de anotações. Deveria estar na minha bolsa. Não estava. Nervosa, quis desistir, ir embora. O que faria? Logo no primeiro encontro! Olhei os botões luminosos no painel. Não me movi.

A porta abriu.

Saí. O corredor bem iluminado mostrou à minha esquerda o apartamento 210.

Tarde demais para recuar.

Ergui o braço e toquei a campainha.

Uma mulher jovem, vestindo calça jeans e camiseta amarela, atendeu e convidou-me a entrar.

- Você é J. Lins, a escritora? Perguntei, descartando a formalidade do “senhora”. Meu nome é Fabiana Soares Ramos. Sou estudante de mestrado em Literatura.

Apertei a sua mão, fria.

Ela me acompanhou até o sofá.

Sentamos.

Passei o olhar pelo ambiente.

Na sala, um sofá de tecido estampado azul e amarelo. Duas poltronas na mesma cor. A mesa de centro servia como base para uma pequena estátua esculpida em madeira, de uma mulher ajoelhada fazendo surgir de

seus braços uma figura masculina que a beijava nos lábios. Num ambiente conjugado, a sala de jantar servia de escritório. Livros e grande quantidade de folhas espalhadas dividiam espaço com um computador e impressora. Na parede, poucos quadros. Diante da janela, uma moldura dourada exibia uma cópia da pintura “*Contemplação*”, do pintor Pere Borrel, onde uma jovem trajando um longo vestido branco observava o crepúsculo. Sobre o sofá, uma reprodução de “*Homem e Mulher Contemplando a Lua*”, de Caspar David Friedrich. Voltei meu olhar para a poltrona e notei um objeto. A princípio pensei ser uma almofada. Não era! Um bicho de pelúcia! Mais precisamente um gato. Cinza. Olhos cor de mel.

- Este é Lustô? Perguntei.

Não contive a curiosidade, o gato de Luísa, descrito no livro *A Casa Sinistra* era idêntico àquele!

- Talvez.

Foi a resposta dela.

Um silêncio constrangedor se instalou entre nós.

Resolvi falar.

- Bem, como eu lhe disse ao telefone, li *A Casa Sinistra* e pensei em estudá-lo para a dissertação do meu mestrado. Realmente uma história fantástica! Confesso que foi um dos melhores livros que já li...

Esperei em vão uma reação positiva por parte dela. Sua atitude blasée me deixou hesitante. De repente, associei as duas gravuras na parede às grossas cortinas estendidas diante da única janela do ambiente. Era noite ali dentro! Lá fora, o sol brilhava! Não havia vestígio algum da claridade do dia naquele apartamento. Os cantos da sala, mergulhados na sombra, não deixavam definir a extensão do local. A porta entreaberta, onde julguei ser o quarto, sugeria a presença de alguém à espreita.

Meu olhar prendeu-se no gato cinza. Os olhos, de plástico, amarelos, me encaravam. Arrependi-me de ter reparado nele.

- Eu... Eu quero me desculpar por não ter trazido um bloco para as anotações... Se você não se importar, eu gostaria de voltar ainda esta semana para conversarmos e começarmos formalmente o trabalho.

- Para mim está ótimo!

Ela concordou? Parecia ter ficado contente com a minha despedida. Suspeitei que esperasse alguém para jantar. Eu sentia um cheiro apetitoso vindo da cozinha!

Levantei.

Ela me acompanhou até a porta.

- Eu queria saber como devo chamá-la, J. Lins? Qual o seu nome?

- Você pode me chamar de Leonora. É o meu segundo nome.

- Leonora? Como a música de Beethoven? Perguntei, astuta.

- Nem tudo é premeditado. Às vezes nós somos vítimas do acaso.

Acaso! Sim, ora! Naquele apartamento povoado por fantasmas, o acaso não se criava! Criaturas se ocultavam nas sombras e ela, com certeza, os via. Eu não! E nem fazia questão. Talvez a janta fosse para eles. O cheiro era real. Assim ela os alimentava. E nesse caso, eu estava de saída!

- E então, como vão as leituras? Perguntou meu orientador quando passei em sua sala, no final da tarde.

Desanimada, respondi:

- Ah, professor, eu vou precisar reler o livro... Vou sim... Vou reler...

Reler... Reler...

- O quanto for necessário. Acrescentou ele.

Não sabia como contar sobre a visita à escritora. Mas afinal, o que ela me revelara? Nada.

Voltei-me para ele, antes de sair.

- Acho que não devemos mesmo conhecer o autor, só a obra. Eu conheci a autora do livro A Casa Sinistra, professor.

- Conheceu?

- Sei que o senhor não concorda, mas, eu precisava conhecê-la. Mas, confesso que não ajudou muito. Se bem que não conversamos o suficiente para que ela me revelasse... Bem, eu vou reler a obra ou mesmo escolher um outro livro, talvez...

Suspirei.

- Quando você tiver algo anotado, traga para eu ler. Comentou, voltando-se para a leitura que fazia quando entrei.

Reinicie a leitura de *A Casa Sinistra*.

“Hoje ele veio morar na nossa casa”. Com esta frase Luísa começava o seu diário. Um diário! Poderia haver algo mais sublime e íntimo? Com aquelas palavras, uma simples adolescente como eu confessava o seu amor impossível. Os primeiros sintomas da paixão que nasceram ao ouvir o “Adagio molto espressivo” da “Sonata para violino e piano, em Fá Maior”, “A Primavera”, de Beethoven.

“A música de Beethoven invadia a casa na noite quente de verão. Aquela já não era mais a nossa casa! Ele estava ali e a sua presença

preenchia todo o ambiente. Sua vontade sobressaía-se à de minha mãe, Florina. Ela se rendera a ele. Nathanael tomara para si a soberania da casa.

Eu não encontrei outro caminho a não ser refugiar-me à proteção de tia Eva. E seu domínio limitava-se à cozinha. Tia Eva preparava as refeições. Ali ele não entrava, nem minha mãe. Eu me sentia segura entre panelas fumegantes e o ruído dos talheres. Preparava o alimento que ele iria degustar.

Na mesa, durante as refeições, eu mal erguia o olhar para ele. Por quê? Seria aquele homem capaz de enxergar o amor de uma adolescente?”

Enquanto eu lia o diário de Luísa, via diante dos meus olhos aquela família tão próxima de mim. Porém, conforme avançava a leitura, um abismo abria-se entre Luísa e eu.

Como poderia eu imaginar? Minha melhor amiga nutria uma paixão pelo padrasto e, o que era pior, não confiava em mim. Eu que sempre confiei nela! Compartilhei tudo com ela! Se ela tivesse confiado em mim... Eu não precisaria ter invadido a sua privacidade.”

As mãos frias da escritora vieram até meu quarto virar as páginas do livro. Naquela releitura, a voz de Leonora soou em meus ouvidos a cada palavra. A sua imagem tomou a forma da personagem Luísa e vice-versa. A partir daquele momento, era o rosto da escritora que eu visualizava ao imaginar as cenas do livro.

Não! Não era este tipo de leitura que eu necessitava fazer. Não! Começava a admitir, conhecer a autora influencia muito na leitura da sua obra. Eu precisava, pelo menos naquele momento, esquecer da autora. Distanciamento e isenção para a leitura. Do contrário, a dissertação do mestrado, faria companhia aos meus outros escritos inacabados, na gaveta da escrivaninha.

“Hoje eu completo dezesseis anos. É noite e tudo está calmo. Tenho ao meu lado o presente que ele me deu. Eu preparava o jantar. Tia Eva conversava com a mãe de Berenice, ao lado da casa. Então ele entrou na cozinha. Nathanael. Parou à minha frente, a mão direita oculta às costas. De repente disse:

- Fecha os olhos. Estenda os braços.

Eu hesitei.

Ele insistiu e eu obedeci.

Estendi os braços para ele. Fechei os olhos. O coração aos pulos.

Foi assim que ganhei Lustô, um gato cinza com grandes olhos amarelos. Fiz questão que ele escolhesse o nome. Lustô é um elo entre nós.”

E Leonora me disse que aquele gato de pelúcia não era o Lustô!

Ouvi batidas à porta.

- Fabi, o jantar está na mesa!

Carreguei comigo as palavras recém-lidas e a imagem do gato a me encarar.

- Estou preocupada com você! Trancada naquele quarto! Por que não telefona para uma amiga, vai ao cinema... Quem sabe encontra alguém! Afinal, estudar tanto para quê?

- Ah, vó, a senhora é uma personagem totalmente linear. Fala a mesma coisa desde que eu tinha quinze anos...

- E eu, Fabiana, como eu seria, se fosse uma personagem? Qual tipo seria? Tão linear quanto a sua avó?

- Não, mãe! A senhora é uma daquelas personagens dinâmicas, que se modificam conforme o enredo cresce. Dá a impressão de ser plana, mas

é só para enganar o leitor. Quando menos se espera, você surpreende. Passa a limpo a sua vida, que a princípio mostrava-se apenas como um rascunho. Olha lá que surpreende a si mesma!

- É verdade. Concordou ela, rindo.

- Plana... Personagem dinâmica... Para mim é grego! Resmungou minha avó. Não sei por que inventam essas palavras... Só para que ninguém entenda... Conheço muito bem sua mãe. Desde que a coloquei no mundo, ela nunca foi um rascunho, encontrou seu par, formou uma família e é o que importa... Vem você me dizer que sua mãe e eu somos personagens! Somos gente, isso sim!

- Deixa, mãe! É assim que a Fabi pratica as suas teorias... Mimô, aqui, vem... Toma, vai roer lá fora...

Voltei o pensamento para A Casa Sinistra. E a cena do jantar se desenrolou como mímica aos meus olhos.

No dia seguinte, quando estivesse no apartamento da escritora, teria muitas, muitas perguntas a lhe fazer.

- Então, Fabiana, por que você escolheu o meu livro para analisar?

- Foi a melhor história que eu já li!

- Sob qual aspecto você o trabalhará na dissertação?

- Ainda não estou bem certa, eu...

- Sei, sei, e você tem data para entregar o trabalho?

- Na verdade eu tenho um ano inteiro pela frente.

- Você é solteira?

- Sou.

- Filhos?

- Não.

- Mora sozinha?

- Não. Moro com meus pais e minha avó materna. E um poodle cinza chamado Mimô. Como o seu Lustô! Sugerir.

Ai, não! Olhei para o maldito gato!

Abri a bolsa. Tirei o bloco de anotações.

Retomei a palavra.

- Por que você escolheu a ficção policial?

- Bem, não foi uma escolha. Fui escolhida! Riu.

Observei sua expressão.

- Não, não se assuste! Não é arrogância da minha parte. É só uma história. Não gosto de rótulos, mas se o editor achar melhor vender como

“romance policial”, tudo bem. Não existe crime nem detetive algum no livro.

- Não. O detetive é o leitor.

- Isso eu concordo. Mas, por favor, não me rotule. Não vá escrever que eu sou a “nova Agatha Christie”, por favor, nem mesmo pense isso! Está certo?

- Claro! Nem me passou pela cabeça!

Sorri, sem jeito.

- Então me diga como você criou Luísa? Perguntei, enfim, modificando o rumo da conversa.

- Você sabe, as personagens são os agentes da ação e esta gira em torno delas. Luísa tem as características necessárias para levar a trama ao desfecho inicialmente planejado por mim. Eu a escolhi por dar ao enredo o elemento principal. Você já deve ter observado tudo isso nas várias leituras que fez, não?

- Com certeza; e não é esse tipo de informação que eu busco aqui, na presença da escritora. Falei, solene.

- Naturalmente.

- Como é o seu ritual?

- Ritual?

- Leonora, como é o seu processo de criação?

Ela olhou ao redor. Remexeu-se no sofá.

Quando imaginei que ouviria uma resposta...

- Processo de criação? Você quer desmistificar o escritor e os mistérios da criação literária? Perguntou-me, curiosa.

- Eu só quero compreender o seu modo de criar.

- Você fala como se eu possuísse todas as respostas para lhe dar!

- E não possui?

- Não é tão simples assim...

- Não é? Nem para você?

- Às vezes é difícil descrever o que se passa na hora da criação. E eu, uma escritora de um livro só... Acho que você deveria tirar suas dúvidas com escritores mais experientes.

Ela relutava em revelar a fórmula mágica? Como se isso existisse! Bem... se existisse... Eu faria bom uso dela. Esvaziaria a gaveta da escrivaninha!

Resolvi facilitar. Para ela ou para mim?

- Como você cria as suas personagens? Você as vê?

- Dizem que Balzac via e convivia com as personagens dele.

Comentou ela.

- E você? Como lida com as personagens? Não se aflige se uma personagem sua vier a ser mais famosa do que a própria autora?

- Não. Seria uma honra levar uma personagem a esse nível.

- Você utiliza imagens de pessoas conhecidas para compor as personagens? Questionei.

- Algumas vezes. É sempre bom para a descrição física. Muitos escritores se utilizam desse método.

Mesmo sentada perto de mim, no sofá, Leonora me olhava de longe.

- O que significa o “J” do seu nome?

Talvez eu recebesse uma resposta direta para aquela pergunta. Não foi o que aconteceu. A escritora olhou ao redor, como se não compartilhasse todos os segredos com os seus fantasmas.

- Julita. Sussurrou.

Quem poderia nos ouvir? O gato?

- Você aceita um café?

- Aceito. Respondi, hesitante.

Ela se afastou. Meu olhar atravessou a sala com ela. Mas não até a extremidade do ambiente. Este se encontrava na penumbra. Se havia realmente ali uma cozinha eu não poderia afirmar. É bastante provável, pois ela voltou em seguida com duas xícaras de café.

Bebi enquanto reparava na desordem sobre a mesa, na sala de jantar. Ao lado do computador, copos vazios, pratos, papéis amassados. Se eu deixasse a mesa da minha casa nessas condições, assim não ficaria por muito tempo, minha mãe ou minha avó limpariam. Era grande a diferença da minha vida em comparação com a da escritora! Naquele momento, invejei a sua liberdade. Ela tinha o seu próprio espaço. Dormia e se alimentava quando decidisse, sem interrupções no seu trabalho.

Quando Julita Leonora ajeitou a saia para sentar novamente ao meu lado, notei sua roupa. Parecia pronta para sair. Não vestia a calça jeans do outro dia. A saia dava-lhe uma silhueta feminina. O salto alto do sapato a deixava quase da minha altura.

Ela, sem disfarçar, olhou o relógio.

Com quem ela iria sair? Aonde iria? Consciente de estar ultrapassando limites, voltei o pensamento para as minhas anotações. Ela, entretanto, não se deteria por minha causa. Colocou-se de pé.

- Por que você não volta outro dia? Sugeri.

- Amanhã?

- Está bem. Concordou.

Ela saiu comigo. Trancou a porta do apartamento pelo lado de fora. Despediu-se.

Dirigi-me ao elevador.

Ela tomou o rumo oposto. Subiu as escadas.

Ouvi ao longe três batidas numa porta e em seguida, a sua voz:

- Sou eu.

De quantos encontros precisaria para obter alguma informação sobre a criação de *A Casa Sinistra*?

Fui até uma loja comprar o cd de Beethoven. Afinal, precisava de toda a informação possível sobre o livro e... Talvez, ouvindo aquela melodia, surgisse em mim algum sentimento em comum com a personagem.

Não esperei anoitecer para ouvir. Se Julita só trabalhava à noite, eu não. Durante o dia os meus sentidos não fraquejavam. Manhã, tarde e noite! Talvez fosse necessário inventar outro período. Nesse eu acharia inspiração para terminar as anotações pendentes na minha gaveta. Julita tinha a noite. E sabia tirar grande proveito dela. Tinha também o dom de aprisioná-la em seu apartamento. Poderia criar quando bem lhe conviesse! Era Deus para as suas personagens e era Deus para deixar a noite reinando

no seu lar pelo tempo que lhe conviesse. Deus se chamava liberdade. A liberdade que eu não tinha!

As primeiras notas da melodia de Beethoven romperam o silêncio vulnerável do meu quarto.

Apanhei o livro. Precisava agir rápido. Nem sempre eu dispunha de sossego para a leitura. Era um horário suspeito e traiçoeiro. Os afazeres na cozinha logo clamariam pela minha presença.

O que Julita Leonora estaria fazendo naquele momento?

A música escolhida para embalar o amor de Luísa pelo padraсто, eu concordava, era belíssima! O diálogo entre o violino e o piano parecia realmente um murmúrio de amor. Dois amantes, apaixonados. Dois instrumentos de corda, da mesma família e, no entanto, de aparência tão diferentes. Distintos no aspecto físico e harmoniosos no som. Quem não se apaixonaria ao ouvir aquele “Adagio”? Quem não se compadeceria do amor impossível de Luísa? E aquelas personagens? Como a escritora criou aquela galeria toda? Personagens tão “vivas” e “reais” como qualquer um de nós.

“Não posso confiar o meu segredo a ninguém. Berenice me perguntou se eu estou apaixonada. Eu respondi que sim. Não quis mentir para a minha melhor amiga. Receio que ela estrague tudo se souber do meu amor por Nathanael. Por duas vezes ela se apaixonou por rapazes depois que eu confessei estar interessada neles! Acho que prefere viver à minha sombra a arriscar o vazio da sua vida... Sua aparência afasta os rapazes.”

Este trecho do diário, não me fez bem. Com dezoito anos eu não compreendia certos assuntos, nem os aceitava. Hoje, ao lembrar do diário de Luísa, percebo uma certa verdade nas suas palavras. Talvez eu sentisse ciúmes dela! Talvez. Ela tinha um segredo! Eu sentia isso! Crescêramos juntas. Compartilháramos as brincadeiras da infância. No início da adolescência não fora diferente. Mas, com o passar do tempo, Luísa foi se modificando, fechando-se para mim. Eu não tinha idéia do que se passava com ela. Não fazia a menor idéia: o segredo tão bem guardado era o amor dela pelo amante da própria mãe.

- Fabiana!

Fechei o livro. Não havia necessidade de marcar a página. Eu praticamente o sabia de cor e encontraria aquele trecho sem problemas.

Abri a porta do quarto.

- Sua mãe precisa de você na cozinha.

- Já vou, pai.

Silencie! Beethoven.

De volta à realidade!

Trancada daquele jeito em meu casulo, logo, logo me transformaria em Julita Leonora!

Na cozinha, juntei algumas folhas de alface. Enrolei-as. Comecei a cortá-las em finas tiras, como meu pai gostava.

- Mãe, se a senhora fosse escrever um livro, usaria um pseudônimo?

- Ah, não sei, Fabi. Nunca pensei nisso.

- Por que uma pessoa escolhe usar um pseudônimo? Para ninguém saber quem ela é?

- Ela pode não gostar do verdadeiro nome! Certos escritores são muito vaidosos.

- Ora, não parece o caso de Julita. Julita é um nome bonito, você não acha?

- Eu acho. Respondeu, enquanto mexia as batatas na frigideira. Uma coisa é ter um nome bonito, outra coisa é ver escrito na capa de um livro. Argumentou.

- Você acha? Eu não abreviaria o meu nome.

- Ainda bem! “Fabiana” foi escolha minha. E eu tenho bom gosto. Seu pai tinha escolhido “Altair”, para homenagear uma tia que ele nem conheceu. Isso para mim não é homenagem! Altair é nome de homem... Talvez seja isso, Fabi! A escritora usou a primeira letra do nome dela para não suspeitarem que fosse uma mulher! Você me disse que o livro é policial, não é? Então?

- Não sei, mãe. Não acho que ela quisesse se esconder por trás de um pseudônimo por ser mulher. Se você a conhecesse também suspeitaria.

- Como ela é?

Respirei fundo.

- Bem, ela é misteriosa.

- Também, para escrever policial tem que ser misteriosa mesmo!

- Não. Ela é uma concha. Fechada em si mesma. Precisa ver como é difícil fazê-la falar sobre o livro!

- É mesmo? Pensei que os escritores gostassem de falar sobre suas histórias. Você escolheu estudar o livro dela, não foi?

- Na verdade, pelas suas atitudes, parece sentir-se como se eu a estivesse violentando. Estranho, não é? É assim, no entanto, que eu me sinto quando entro no apartamento dela. Sinto-me uma intrusa.

- Então por que não desiste, Fabi? Por que ainda volta lá?

- Por todos estes motivos. Concluí.

A idéia do nome abreviado da escritora me acompanhou no jantar. Instigou mais a minha fome por mistérios. E não havia para mim pessoa mais enigmática do que a escritora Julita Leonora Lins. Não havia! O que teria ela a esconder?

A ansiedade me levou quinze minutos mais cedo ao encontro com a escritora. Parada diante de um interfone mudo, hesitei. Teria ela saído? Ou estaria dormindo? Pressionei mais uma vez o botão.

Nada! Silêncio absoluto!

Imaginei Julita dormindo sentada na sala de jantar. A cabeça deitada sobre as anotações, na mesa.

Aguardei um minuto e tornei a tocar a campainha.

Naquele exato momento, um senhor aproximou-se da entrada do prédio.

- Boa tarde. O senhor mora neste edifício? Arrisquei perguntar.

- Moro. Respondeu, sisudo.

- É que eu sou amiga da moradora do 210 e acho que ela deve ter dormido e não ouve o interfone. Dei-lhe a minha versão dos fatos. Eu estou fazendo um trabalho sobre o livro dela...

- Eu não sabia que tínhamos uma escritora no prédio!

- Ela é uma excelente escritora! O senhor devia ler o livro dela, se chama: *A Casa Sinistra*.

- Não diga... Eu vou ler sim. Nossa! Uma escritora morando aqui...

Sim, pensei comigo, escritores vivem ao nosso redor, pagam aluguel, se alimentam e respiram como nós! Ou ele imaginava os escritores morando no Monte Olimpo e sendo servidos pelos deuses? Ou ganhando fortunas de dinheiro e alugando um chalé nas montanhas todo o verão para criarem as suas obras imortais? Benvindo à realidade, meu senhor! Os escritores criam nos lugares mais banais.

- Você quer entrar?

Aceitei. A escritora acordaria quando eu batesse à sua porta.

Agradei ao simpático senhor.

Tomamos o elevador e me despedi dele no segundo andar.

Toquei três vezes a campainha do apartamento.

- Essa não! Murmurei.

Julita Leonora surgiu às minhas costas. Desceu o lance de escada e se aproximou a passos largos. Vestia um roupão azul marinho de um tamanho muito maior do que o seu. Os cabelos molhados pingavam nos ombros. Quase não a reconheci.

Vinha sorrindo. E não desmanchou a expressão de felicidade ao me ver. Todo o seu rosto sorria! Os olhos, os lábios...

- Chegou cedo. Comentou.

Abriu a porta do apartamento.

Entrei, seguindo-a.

- Fique à vontade, eu vou trocar de roupa.

A frase correta seria “eu vou colocar uma roupa”, pois, para mim, estava óbvio, ela não usava nada por baixo do roupão.

Puxei o bloco de anotações de dentro da bolsa.

De volta à sala, a escritora sentou-se na poltrona.

- Bem, Julita, eu queria mesmo saber como você criou algumas personagens... A Florina, por exemplo, você quase não a descreve

fisicamente... Aliás, poucas personagens são descritas com detalhes físicos.

Por quê?

- Não acho necessário. Somente quando a história exige. Quando é preciso alguma descrição para realçar o enredo. Tanto no caso de Florina quanto no das outras personagens, eu utilizei fragmentos da minha infância. É o lugar mais rico que possuímos. E é onde sempre acharemos argumento para qualquer história.

Ela falava pausadamente. Dava a impressão de vigiar cada palavra proferida. Demonstrava uma espécie de receio. Entretanto, a idéia de procurar na infância “tesouros” para a criação literária acendeu em mim a esperança de encontrar incentivo para a conclusão das histórias pendentes na minha gaveta.

- Então você tirou Florina e todas as outras personagens da sua infância? Elas existiam realmente ou são como... mosaicos de várias pessoas? Insisti.

Ela encarou-me. Ela e Lustô.

- Parece estranho alguém querer fazer um trabalho sobre a criação das personagens, pensar que é capaz de compreender este processo sem nunca ter criado personagens ou escrito uma história sequer! Proclamou Julita.

Fiz silêncio.

- Não lhe parece impossível? Insistiu ela.

Baixei o olhar.

- Acho que todos temos vontade de escrever um livro... Nem sempre temos êxito, mas, quem não se realizaria ao ver uma criação sua publicada? Comentei.

Ela sorriu.

Tinha descoberto o meu segredo. Pensaria em mim como uma escritora frustrada? Não é fácil traduzir sentimentos em palavras escritas e preencher uma folha em branco com o próprio sangue! Expor sentimentos íntimos... O julgamento alheio... A crítica destruiria qualquer “tesouro” resgatado da infância. Seria muito arriscado! Uma invasão! Um estupro na sensibilidade do escritor.

- O recurso da personagem contando a história através de fragmentos do diário da amiga instiga o leitor. É como se ele próprio estivesse lendo o diário e descobrindo, de acordo com o avanço da leitura, os segredos de Luísa! Comentei. Como surgiu a idéia?

- Achei que prenderia a atenção do leitor, como você mesma falou. Daria mais suspense à história. E veracidade ao enredo. Foi um recurso

bem apropriado ao que eu tinha em mente. Os mistérios da casa, os segredos de Luísa, levaram a classificar a história como ficção policial.

- Então você não decidiu: vou escrever um romance policial?

- Não exatamente. Embora imaginasse, desde o início, a grande dose de suspense da trama.

- Quando você começou a escrever a história?

- Eu saí de casa com dezoito anos e fui morar com uma prima em outro estado. Fiz faculdade. Nesse período começou a crescer a idéia para a história. Quando terminei a faculdade achei que estava na hora de voltar. Tomei coragem. Voltei. Publiquei o livro... Não podemos fugir para sempre, um dia é preciso voltar...

- Você estava fugindo? Perguntei.

Ela ergueu um canto dos lábios.

Naquele breve instante, a escritora Julita Leonora Lins se mostrou, para mim, a mulher mais misteriosa do mundo!

- Eu comecei uma nova história. Comentou, ela. Dessa vez é diferente.

- Diferente? Por quê?

- Porque é como se me obrigassem a escrever! Quando escrevi A Casa Sinistra, foi porque quis. Me fez bem.

Fez bem? Foi um desabafo? Uma espécie de confissão? Alguns escritores utilizam a própria criação como uma espécie de exorcismo. O que ela pensaria disso?

Resolvi arriscar.

- A Casa Sinistra foi para você como um desabafo? Vários escritores exorcizam o passado através dos seus livros.

- Não foi o meu caso.

- Mas, às vezes, o autor coloca os próprios sentimentos numa história sem se dar conta disso. Foi o que você fez?

- Eu não disse isso! Protestou.

Abri os braços no ar, impaciente.

- É um ato natural. Falei. Os escritores confessam isso e...

- Eu quero ler as suas anotações antes de qualquer outra pessoa.

Ordenou.

- Só o meu orientador vai ler!

_ Antes dele. Proclamou ela, o dedo em riste apontava para mim, como uma lâmina afiada.

“Passo dias sem vê-lo. Almoço e janto na cozinha com tia Eva...”

Parei a leitura. Como eu havia esquecido Beethoven? Impossível ler A Casa Sinistra sem o acompanhamento do Adagio.

Retornei à leitura. Ouvia a suave melodia, testemunha do amor de Luísa por Nathanael! Aquela música conectava-me de um modo especial à personagem e a todo o universo daquele livro. Seria até capaz de infiltrar-me na diegese, se fosse possível. Não! Eu era real, não tinha o direito nem a capacidade de fazer parte de um universo tão correto e complexo. Resignei-me a ler:

“Às vezes penso que ele não está em casa. Vou até a sala e esbarro com ele. Até quando? Até quando? Ele sorri e eu fujo para bem longe dele. Nathanael, até quando poderei suportar a paixão dentro de mim? Berenice anda desconfiada. Sabe que eu tenho um segredo! Tive vontade de contar para ela. Talvez fosse melhor. Talvez me fizesse bem. Mas, eu jamais diria uma só palavra! Jamais revelaria o meu amor por Nathanael.”

Eu realmente pressentia o segredo de Luísa e não sei como reagiria, naquela época, se ela me contasse...

Certo dia, quando esperávamos o ônibus para irmos à escola, suspeitei que ela me contaria algo.

Caminhávamos, como todos os dias, da rua do Salgueiro, onde morávamos, até a esquina da praça das Margaridas. Ali, sentávamos e aguardávamos o ônibus da escola.

Somente uma leve suspeita. Ela nada me revelou.

Por isso, quando tive chance, não pensei duas vezes em procurar o diário dela.

Certa noite, após a morte da sua tia, ela estava na cozinha. Preparava o jantar. Entrei no quarto de Luísa. Não foi difícil encontrar o caderno na primeira gaveta da cômoda. Sentei na cama e devorei aquelas páginas, cheias de mistério. A vida secreta de minha amiga se revelava para mim. Estávamos com dezoito anos. A data da formatura agendada. O passado, o presente e o futuro de Luísa se entremostravam através da letra miúda. Meus olhos se prenderam no último trecho.

“Partirei amanhã cedo. É impossível conviver na mesma casa com ele. Ainda mais agora, sem tia Eva! Nossos olhares se cruzam. Sinto que não poderei mais evitá-lo. Não sei o que minha mãe faria se descobrisse! É por tudo isso que devo partir. Sentirei saudades dele! Mas, um dia, eu juro, vou reencontrá-lo. Um dia reencontrarei Nathanael!”

Eu nada fiz para impedi-la.

Fiquei na janela do meu quarto vendo minha melhor amiga fugir de casa. E conhecendo Luísa como eu conhecia, tinha certeza de que nada a impediria de partir.”

- Está tudo bem?

- Está, professor. Mas é que... Começo a perceber que conhecemos mais sobre um escritor lendo a sua obra do que analisando a sua biografia!

- Fabiana, eu sempre aconselho os meus orientandos a não procurarem o autor. Na análise da obra...

- Acho que vou tentar contato com a família dela. Interrompi. Talvez eles me contem fatos importantes, não sei... Mesmo que eu não use no trabalho, seria uma boa base para começar a análise.

- Não será somente a mim que você terá que convencer sobre a importância e o envolvimento autor/obra.

Olhei para ele.

- Você terá que convencer a banca, na apresentação da sua dissertação do mestrado. Falou ele, sério.

- Eu acho... eu acredito que valha a pena, professor. Nesses últimos dias, a leitura e as conversas com a autora me abriram um novo horizonte... Se o senhor a conhecesse, saberia do que eu estou falando. O mistério que cerca aquela mulher é contagioso. Completei, o olhar preso ao dele.

- Se é isso mesmo que você quer e tem realmente intenção de procurar a família dela, pelo menos, primeiro comente com a escritora. Veja se ela concorda. Aconselhou ele.

É desnecessário dizer que eu nada comentei com Julita. Na verdade, ela se mostrava tão empolgada ao contar-me, sem eu haver perguntado, sobre a história que escrevia, que eu não quis estragar o momento.

As palavras dela, a paixão quando citava as características de algumas personagens me hipnotizavam. Eu não desviava o olhar. Lustô também a encarava. Por que olharia para mim? Julita era o astro daquela sala. O seu brilho emanava em rajadas e clareava todos os cantos e afugentava os fantasmas para trás dos armários. Cheguei a vislumbrar a entrada da cozinha. Os talheres reluziam sobre a pia, ao fulgor.

Por que ela não falava com a mesma liberdade de expressão sobre A Casa Sinistra?

Enquanto ela traduzia em palavras as suas realizações como escritora, eu pensava se o mesmo poderia ocorrer comigo algum dia.

Uma idéia instalou-se em mim, naquele momento. Algo de muito sério deveria ter acontecido na vida daquela mulher para ela ter conseguido aquele poder de imaginação! A facilidade em comunicar-se com o seu “eu” interior demonstrava anos de prática. E só se consegue isso, de mãos dadas com a solidão. Somente a solidão permite ultrapassarmos certos limites no nosso universo interior. Como sabia eu de tudo isso? Através da leitura dos depoimentos de outros escritores. Como Ernesto Sabato, que dá seu testemunho da solidão que também o acompanha, no livro O escritor e seus fantasmas. E como no título deste livro, J. Lins, além da solidão, também convivia com os seus fantasmas. Teria sido escolha sua? O ofício do escritor o obriga a esse pacto? Ou busca-se a solidão por não haver quem suporte a convivência com quem lida com a criação? É necessário mesmo estar sozinho? São os fantasmas que afastam os intrusos? Uma coisa parecia certa, J. Lins tinha o seu mundo particular muito bem mobiliado. E o meu mundo interior, como estaria? Lembrei, naquele momento, de um trecho do livro O retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde, no qual uma

personagem me marcou profundamente com suas teorias sobre um escritor e a sua obra:

“Dos que conheço, os únicos artistas pessoalmente agradáveis são maus artistas. Os bons artistas existem apenas no que fazem, e, por conseguinte, são absolutamente desinteressantes no que são. Todo grande poeta de verdade é, de todos, a criatura mais sem poesia. Os poetas inferiores, entretanto, são fascinantes. Quanto piores forem suas rimas, mais pitorescos parecem. O simples fato de publicar sonetos de segunda categoria faz de um homem uma pessoa assaz irresistível, pois ele vive a poesia que não consegue escrever, enquanto os outros escrevem a poesia que não ousam vivenciar.”

Seria isso? Estaria eu fadada à mediocridade? A minha vida turbulenta não deixava de ser agradável. Com certeza! Seria este o principal motivo para eu não conseguir conteúdo para as minhas histórias? Necessitaria eu de uma dose de sofrimento e amargura para deixar crescer algum tipo de sentimento no que pretendia escrever? Mas, Julita, apesar de se enfurnar naquele apartamento onde era sempre noite, segundo as minhas suspeitas, vivia um caso de amor com algum vizinho! Ou seria apenas impressão minha? Não. Numa mesa redonda num canto da sala, estavam dispostos dois pratos, talheres, guardanapos e um castiçal com velas cor de

rosa. Por alguns momentos não consegui desviar meu olhar do local. Ela fingiu não notar a minha curiosidade, a minha bisbilhotice.

Ela vinha se mostrando diferente a cada encontro. No começo, parecia menos atenciosa. Distraída, algumas vezes, não se encontrava presente cem por cento diante de mim. Como se alguém tomasse conta da sua mente e a chamasse para a sua escrita. Eu mesma me sentia como se estivesse atrapalhando ou interrompendo algo. Cheguei a pensar que havia realmente alguém no quarto aguardando pela escritora. Um amante! Um amante invisível! Este lhe proporcionava “orgasmos literários”; como citou Affonso Romano de Sant’Anna, em um dos muitos livros de teoria que eu havia lido. Teoria! Teoria! Era só o que eu tinha. E também nunca sentira os chamados orgasmos literários... Talvez eu tenha que fingir um dia. É provável que muitos escritores estejam até hoje fingindo orgasmos literários. Julita não! Aquela era uma escritora realizada e também uma mulher realizada, pois não seria uma personagem a compartilhar do jantar com ela naquela noite.

- Você o encontrou? Perguntei, interrompendo seu discurso.

- Quem? Questionou, hesitante.

- Nathanael. Luísa encontrou Nathanael?

Ela sorriu.

- Você vai descobrir no próximo livro.

- Então a história que você está escrevendo é a continuação de A Casa Sinistra? E você vai permitir que eu dê uma olhada nos originais, não vai?

- Eu tenho escrito muito e, na verdade, já estou quase concluindo.

- E por que a pressa? Eu quis saber.

- Eu tenho uma personagem me incentivando... Não consigo encaixá-la na trama! Ela vive na minha mente desde o momento em que eu a criei. Vive comigo o tempo inteiro...

- E por que você não a coloca na história?

- Não é simples assim!

- Não é? Inquiri.

- Precisa fazer sentido. Deve haver um motivo. Eu não posso simplesmente jogá-la ali. Ela é parte de mim. Só encontrará lugar na história se isso for coerente. Há todo um ritual para inseri-la, ainda mais agora que ela cresceu tanto...

- É como um relacionamento amoroso. Sugerir.

- Mais ou menos. A criação de um romance é muito pessoal e às vezes difere um pouco de autor para autor. A gente, ao ler, “vive” na pele

de uma personagem, mas quando fechamos o livro, pronto! A personagem não se “gruda” na gente. Ela pertence ao universo do livro.

- Do contrário precisaríamos de uma seção de exorcismo a cada leitura. Comentei.

Ao deixar o apartamento da escritora, naquele final de tarde, fiquei imaginando se não seria essa sua personagem a convidada para o jantar.

Pedi o carro do meu pai emprestado.

A leitura de A Casa Sinistra me levou a suspeitar sobre o endereço da família de Julita. Realidade ou ficção? Eu descobriria!

As personagens Luísa e Berenice todas as tardes esperavam o ônibus para irem à escola numa praça bastante conhecida. Se Julita fez questão de citar este local na história, talvez ele tivesse algum valor também na vida da escritora. A “praça das Margaridas”, como todos a chamavam, pertencia ao mundo real e, com esse mesmo nome, teria sido inserido no universo ficcional. Teria ela feito o mesmo com as personagens? Pertenceriam também aos dois mundos? Só que no caso da praça, ela não alterou o nome. Com as personagens o mesmo não teria acontecido, por certo.

Rodei por caminhos de chão batido à procura da rua do Salgueiro. Não encontrei. Tentei novamente. Passei duas vezes em cada esquina. Nada. Também não avistei ninguém, para uma possível informação.

Decidi, então, que o melhor a fazer seria começar na praça das margaridas. E dali tomar o rumo, como Luísa e Berenice faziam.

Ao passar pela terceira vez numa das ruas, avistei um salgueiro diante de uma casa.

Freei. Um salgueiro! Resolvi arriscar. Teria fundamento a minha teoria?

A casa ocultava grande parte da sua fachada atrás dos longos ramos do salgueiro. O jardim circundava a entrada.

Antes de sair do carro, pensei se não deveria adiar a visita ou mesmo desistir da idéia. Entretanto se assim fizesse, teria que desistir da pesquisa também, e do mestrado! Ora, por que eu faria isso? Se Julita Leonora Lins tivesse me contado detalhes sobre o seu processo de criação, eu não precisaria estar à procura da sua família. Não que alguém fosse revelar sobre como ela escrevia, ou de onde trazia as idéias. Não. As informações que esperava receber poderiam ser talvez sobre a infância dela. E, como ela mesma afirmou, era na infância onde jaziam escondidos os seus “tesouros”. Esse tipo de informação eu buscava com a sua família. Ela não me havia

deixado outra alternativa! E não teria acontecido o mesmo no enredo do seu livro? Se Luísa tivesse confiado na amiga e revelado a sua paixão pelo padraсто, Berenice não se teria aventurado na busca do precioso diário! A escritora não aprendeu a lição contida no seu próprio livro. É melhor revelar o seu segredo antes que ele desperte o interesse alheio. Ninguém logra dissuadir a curiosidade de uma amiga traída ou desconfiada!

Com esses pensamentos na mente, abri a porta do carro.

Respirei o ar puro da tarde. O local parecia irreal em comparação com o centro da cidade, à meia hora dali. As casas, afastadas umas das outras pelas grandes extensões dos quintais, demonstravam a quietude do lugar. Janelas abertas, onde cortinas entravam e saíam livremente sem se prenderem em grades de proteção. Árvores, chão de terra, pássaros.

Na entrada da casa, um muro, recentemente pintado de branco, não ocultava o jardim diante da residência.

Abri o portão.

Entrei.

Se aquela fosse realmente a casa da mãe da escritora, certamente eu sairia dali com a vida dela passada a limpo. Colocaria em prática minhas teorias sobre investigação. E se existe alguém capaz de revelar até o que nem se suspeita, este alguém é a mãe da gente. Se perguntassem algo sobre

mim a minha mãe, poderiam escrever uma coleção com muitos, muitos volumes.

Passei ao lado do salgueiro. Tive vontade de fazer uma reverência. Aquela árvore dominava o local. Seu ar majestoso saltava aos olhos. A harmonia e a perfeição do seu reinado causava inveja.

Os ciprestes, bem podados, me indicaram a entrada.

Toquei a campainha.

Uma mulher, com cabelos curtos e encaracolados, surgiu à porta.

- Pois não?

- Boa tarde. Eu estou procurando a casa da família da escritora Julita Leonora Lins.

- É aqui. Eu sou a mãe dela.

Se ela me dissesse que era a irmã, eu acreditaria.

- O meu nome é Fabiana...

- Marita. Disse-me, estendendo a mão para apertar a minha.

- Eu sou estudante do mestrado e faço um trabalho sobre o livro da sua filha.

- Que interessante! Vamos entrar!

A sala, totalmente iluminada pela claridade da tarde, era limpa, arejada.

A janela, completamente aberta, atrás da poltrona onde sentei, permitia a entrada de uma brisa refrescante e o cheiro da grama recém podada. Em comparação com o apartamento da filha, aquela casa era o oposto! O que haveria de tão contraditório, tão inverso entre mãe e filha? Ali não havia nenhum gato com o olhar a constranger-me, a vigiar os meus movimentos. Nem portas entreabertas, com a escuridão à espreita. Não havia divisão entre as salas de visita e de jantar. Mais adiante, a passagem para a cozinha. À minha esquerda, um corredor levava aos outros cômodos da casa. Julguei serem também habitados pelo sol e pelo vento da tarde.

- Você aceita um café? Um suco?

- Não obrigada. Aceitaria um copo de água, se não for incômodo.

- De jeito nenhum, Fabiana. Fique à vontade.

Quanta diferença! Pensei comigo. Aquela era mesmo a mãe de Julita? Não me encontrava eu na casa errada? Acabáramos de nos conhecer e ela já me tratava pelo nome, como se fôssemos amigas. Quanta diferença! Quando a escritora me oferecia café, levantava suspeita. Suco, então, eu desconfiaria do tom da voz e não ousaria pedir um copo de água.

Ela voltou em seguida com o meu pedido.

- Julita é uma ótima professora. Você também é professora?

- Ainda não. Mas pretendo ser quando terminar o mestrado.

Expliquei.

Tomei um gole da água fresca e apoiei o copo sobre a mesa de canto.

- Julita lutou muito para chegar até onde está. Saiu cedo de casa, quis vencer sozinha. Ela era muito apegada à tia, e quando minha irmã morreu, pobrezinha, não suportou mais viver aqui. Eu tive que aceitar a sua partida, ela precisava encontrar o próprio caminho. Nunca perdemos contato. Eu tenho o livro dela guardado com muito carinho. Salete me deu no último natal, mas, confesso que ainda não li. Eu não perco muito tempo com leitura. Não tenho muita paciência.

Naquele momento, tentei imaginar como teria sido difícil para Julita crescer à sombra da beleza da mãe. Diante daquela mulher, em minha lembrança a escritora surgia como um patinho feio!

A blusa azul realçava a cor dos seus olhos. Ela parecia ter orgulho deles, pelo modo como os pintava. Orgulhava-se por ostentar olhos de um azul tão profundo e claro e que por egoísmo genético a filha não herdou.

Exatamente como a escritora, Luísa também perdera a tia de quem tanto gostava!

Já que ela possuía um exemplar do livro da filha, mesmo não o tendo lido, arrisquei perguntar:

- Por que a senhora acha...

- Senhora?

- Desculpe. Por que você acha que ela escolheu estreitar na literatura abreviando o próprio nome? Qual motivo? Inquiri.

- Julita nunca gostou do seu nome! Meu marido, o pai de Julita, se chamava Juliano. Eu, Marita. Então resolvemos unir os dois e ficou: Julita. Um nome tão bonito! Leonora vem da minha avó. Completou.

Assim simples? Onde estava o mistério? Precisava haver! Deveria haver! Eu podia farejá-lo! No apartamento da escritora, pelo menos, o mistério não se escondia! Era explícito! Ali não. Onde se refugiavam os fantasmas?

Eu que imaginei sair dali com a vida da escritora passada a limpo!

A única conclusão, tão óbvia quanto a luz do dia, não acrescentou nada com minhas investigações. Concluí, com os vestígios exibidos pela mãe da escritora: aquela era uma mulher apaixonada! Eu já estava ficando prática em reconhecer a paixão nos outros.

- Eu preciso ir. Falei.

Ela colocou-se de pé.

Caminhamos lentamente até a porta.

- Foi um prazer conhecer você, Fabiana. Volte quando quiser.

Para quê? Pensei comigo.

Na rua, o sol brilhou nos seus cabelos louros. De súbito, desviou a atenção. Ergueu a mão e acenou para alguém, no quintal da casa vizinha.

- Aquela é Salete. Ela e Julita cresceram juntas...

Girei o corpo.

- Infelizmente elas nunca mais se falaram depois que Julita saiu de casa, há mais de dez anos.

Salete! Reacenderam-se em mim as esperanças. Teria aquela mulher algo para acrescentar sobre a escritora? Ou pelo menos uma versão diferente da que eu acabei de ouvir?

Dirigimo-nos à saída.

A chave do carro escorregou da minha mão. Caiu no piso de cimento. Abaixei para ajuntá-la.

Vi aproximar-se uma figura. Contra a luz do sol, pisava com botas pretas a própria sombra que o antecedia, no gramado.

Julguei tratar-se do jardineiro. Entretanto, Marita o apresentou como seu marido.

- Querido, ela está estudando o livro de Julita. Disse, pausadamente.

Ele retirou o boné, coçou a testa. Balançou a cabeça e voltou ao seu serviço, no jardim. Seria um marido com a função de jardineiro? Ou um jardineiro que ascendeu ao posto de marido?

- Salete passa o dia todo cuidando dos filhos! Segredou-me, ela. Veja! Não lhe dão sossego! O marido só vem nos finais de semana. Trabalha com construção. Os pais lhe deixaram a casa e foram para o sítio de um parente. Também, quem agüentaria os três monstinhos? Eu, às vezes, tenho que fechar a casa para não ouvir o choro...

- Você acha que ela conversaria comigo? Arrisquei perguntar.

Ela olhou-me, admirada.

Aquela mulher demonstrava conhecer mais a vizinha do que a própria filha.

- Mas é claro, Fabiana! Fale com ela! Ela gostará de saber sobre Julita.

A mãe da escritora passou, carinhosamente, o braço sobre o meu ombro. Nossa conversa não durou uma hora e eu sentia como se a conhecesse há anos! Eu não precisaria de muitos encontros se quisesse desvendar a sua vida, ou a da sua vizinha Salete. O que dizer de Julita? Uma vida talvez não fosse suficiente para conhecê-la.

Deixei a mãe da escritora no jardim com o marido e tomei a direção da casa ao lado.

Parei diante do portão.

Distraída, a vizinha, sentada num banco de pedra, observava as três crianças correndo pelo jardim.

- Olá, Salete?

Ela ergueu o olhar. Levou a mão ao rosto, tentando proteger os *olhos* dos raios do sol.

- O meu nome é Fabiana, eu estou fazendo um trabalho sobre o livro de Julita e...

- Eu já li. Disse ela de imediato. Duda! Larga essa pedra! Gritou.

Desviei o olhar para o garoto perto do muro.

Não foi o que eu perguntei. Pensei comigo.

- Marita me disse que vocês são amigas.

- Não somos mais. Mana! Solta ele... Solta, eu tô mandando!

- Mas vocês foram amigas. Corrigi. Achei que você poderia me contar como Julita começou a escrever... Ou se já criava algumas histórias quando criança...

- Que eu saiba não. Respondeu, os olhos grudados nos filhos.

Quanta dificuldade! Por que me cortava daquela maneira?

Se ela não respondia às minhas perguntas, eu começaria a especular. Talvez desse resultado.

Olhei ao redor. Depois falei.

- Posso imaginar de onde Julita tirou todas aquelas personagens!

Ela encarou-me, curiosa.

- Mas, os nomes que ela escolheu... Ela os tirou do livro de Balzac, não foi? Perguntei, um tom natural na voz.

- Isso eu não sei. Talvez tenha sido. Ela tinha um livro deste autor ao lado da cama.

- Ilusões perdidas? Sugeri.

- Não sei... Acho que sim. Tato! Vai brincar com o seu irmão...

Agora não adianta chorar...

Fizemos silêncio. As crianças, não.

Ela nem ao menos me convidou a entrar no quintal. Apoiei a perna sobre o muro, procurando uma posição confortável.

De súbito, ergueu-se. Foi até uma das crianças, arrancou de suas mãos uma pá de plástico, quando esta tentava bater na cabeça do irmão.

Voltou-se para mim.

- Deveria haver uma lei que impedisse um escritor de colocar uma pessoa num livro sem a sua permissão! Desabafou ela.

- Sempre achei que seria uma honra ser retratada num livro! Sempre achei que seria maravilhoso ficar imortalizada na pele de uma personagem!

Para dizer a verdade, é o meu sonho!

- Depende do modo como se é retratada. Mana! Assim não! Gritou.

- Mas nem todos descobrem quem foi o modelo para a criação da personagem. Somente o autor guarda esse segredo.

- O autor e o modelo. Completou, ela.

- Você não gostou do modo como foi retratada? Questionei, sem pensar.

A mudança em sua fisionomia alertou-me quanto à profundidade da sua ferida. Conservava grande mágoa quanto ao passado, pude sentir no tom da sua voz.

- Mas você é a melhor amiga dela! Arrisquei.

- Você acha mesmo?

- Acho.

É claro que eu não achava! A personagem à qual ela se referia era Berenice, melhor amiga da protagonista Luísa. Berenice era descrita como uma jovem cheia de vida, esperta, interessada em tudo e em todos ao seu redor. Como o modelo deu origem a uma espetacular personagem eu não conseguia compreender! A personagem se sobressaía à modelo original.

Naquele momento admirei ainda mais a escritora, por transformar uma pessoa medíocre como aquela numa personagem capaz de levar o leitor de mãos dadas com ela até o fim da trama. Talvez ela se referisse à descrição física. Nesse caso, Julita foi cruelmente real.

Resolvi fazer o mesmo comentário que fizera à mãe da escritora.

- Ela optou por abreviar o próprio nome no livro: J. Lins...

- E você já se perguntou por quê?

- A mãe dela disse que ela não gostava do seu nome.

- Ou seria para que ninguém soubesse quem ela era?

- Como assim? Inquiri.

- Vamos supor que você revele algo do seu passado e isso envolva outras pessoas. Tato, terra não, meu filho, é cacaca!

- Mas, então, para que escrever?

- Às vezes é necessário... É um desabafo. Um modo de compreender melhor os acontecimentos. Por que as pessoas gostam de escrever diários? Para tentar compreender a si mesmas e ao que acontece nas suas vidas.

Significavam muito para mim as palavras de Salete. Eu deveria ter um gravador na bolsa. Assim, lembraria da tonalidade da sua voz e saberia onde havia ressentimento e onde ela revelava a sua verdade.

- Está esfriando. Comentou, olhando o céu nublado. Eu vou levar as crianças para dentro.

Imaginei que não seria convidada a entrar.

- Eu vou lhe deixar o número do meu telefone. Se você se lembrar de algo que possa ajudar o meu trabalho, eu lhe agradeceria. Eu disse, solene.

Entreguei-lhe o papel. Ela leu e guardou no bolso do casaco.

Duvidei que Salete tivesse sido a modelo para Berenice. Ela parecia uma caricatura comparada à personagem! Na tentativa de transformar seres reais em personagens, Julita concedeu-lhes qualidades ausentes nos seres originais. Seria o diário de Luísa a vida da escritora passada a limpo? Salete citou o diário. Qual diário? O diário de Luísa? Ou o diário de Julita? Julita também havia escrito um diário?

Saí dali tão confusa quanto cheguei.

Não, não encontrava semelhança alguma entre a escritora e a sua mãe. E, antevendo a reação de Julita, revelei:

- Eu visitei a casa sinistra.

- Imagino quantas vezes você já o leu!

- Não me refiro ao livro, eu visitei a casa onde você nasceu. Aquela é A Casa Sinistra, não é?

Coloquei-me de prontidão. Não deixaria escapar a mínima expressão sequer. Como fiz com Salete. Mas Julita não era Salete! E na placidez do seu rosto nada transpareceu.

- Você conheceu a minha mãe? Perguntou, a voz tranqüila.

- Conheci. Ela é muito simpática.

Por um momento me questionei se não estaria imaginando tudo aquilo! Talvez a vida da escritora não estivesse tão relacionada com o seu livro! Impossível!

- Você tirou os nomes das suas personagens de Ilusões perdidas, Berenice, Lustô, Eva, Nathanael, Florina e a protagonista Luísa...

- Não existe personagem chamado Nathanael no livro de Balzac.

- Não? Inquiri, confusa. Eu jurava que tinha!

- Não. Além do mais, Luísa não é a senhora de Bargeton! Afirmou, referindo-se à personagem de Balzac.

- Não! Luísa é você! Falei, encarando-a.

- Eu?

- Claro! É você quem eu vejo na figura da protagonista. E sua mãe é Florina, sua tia é Eva...

Ela riu, sem disfarçar.

- Isso é bastante comum, eu creio. Justificou-se ela. Depois que você me conheceu, me vê na pele da personagem. Agora, conheceu a minha mãe e faz de Florina a imagem dela. Mas, quem lhe falou sobre minha tia?

- A sua mãe me contou. Disse que vocês eram muito unidas, como Luísa era com a tia Eva!

Ela voltou a rir.

A minha conversa não a estava afetando de modo algum. O seu olhar sobrevoava a minha cabeça. O sorriso não deixava seus lábios. E, de repente, notei um detalhe muito importante. Uma semelhança entre mãe e filha. Nisso elas se pareciam, e muito! Julita tinha os mesmos sintomas de uma mulher apaixonada! Sua mãe me apresentara ao marido jardineiro. E Julita?

- Você já conseguiu colocar a sua personagem na história?

- Ainda não. Respondeu, inquieta.

Então deve ser esta a sua paixão! Pensei comigo.

- Responda, todos os escritores também se apaixonam pelas personagens?

Ela olhou-me, séria.

- Eu não estou apaixonada pela personagem! É diferente... Você não entenderia...

É, não entenderia mesmo! Seria um amor jamais correspondido. Ou não? No caso dela... Parecia um amor correspondido. Então havia alguém entre ela e as suas personagens!

Ao chegar em casa, minha mãe avisou-me que alguém telefonara para mim. O nome Salete me fez despertar das dúvidas remanescentes da visita ao apartamento da escritora.

- Ela deixou recado?

- Pediu pra você ir até a casa dela amanhã, no final da tarde. Entre quatro e cinco horas.

Era um bom sinal. Apesar de não me agradar a idéia de voltar a conversar com a caricatura de Berenice.

As personagens de Julita me visitaram durante o sono. A personagem que ela não conseguia colocar na história surgiu para mim como a solução para os meus rascunhos inacabados. Se eu a capturasse, ela

concluiria minhas histórias. Mas, para isso, eu precisaria seduzi-la, roubar a criação de Julita. Eu a queria para mim!

Acordei sem concluir o sonho.

Pensei que não voltaria à rua do salgueiro, mas lá estava eu, diante da casa de Salete. Deveria entrar ou conversaríamos através do muro? Arrisquei atravessar o quintal.

Silêncio.

Com o canto dos olhos, observei a casa sinistra. No jardim, o marido de Marita podava alguns ciprestes.

Aproximei-me da porta. Bati.

Ela atendeu e não ficou surpresa em ver-me.

- Entre. Convidou.

A sala ampla abrigava poucos móveis. Brinquedos por toda parte. Uma colcha azul cobria o sofá. Nenhum jogo estofado resistiria àquelas crianças. Imaginei que a toalha na mesinha de centro também ocultava falhas na madeira.

- Meus filhos foram passar o dia com os avós. Explicou.

Sorri, aliviada.

Ela sentou-se ao meu lado. Virou-se para mim e perguntou, sem rodeios:

- O que você pretende? Coroar Julita ou desmascará-la?
- São essas as minhas opções? Questionei, surpresa.
- Você quer saber como a nossa amizade terminou?
- Se você quiser me contar. Falei, a voz suave.
- Éramos muito amigas! Desde a infância. Estudamos na mesma

escola. Crescemos juntas.

- E o que aconteceu? Inquiri, impaciente.

- No dia em que a tia de Julita morreu, eu fui dormir lá. Já tinha dormido lá várias vezes... Mas naquela noite aconteceu algo... Julita estava tão abalada! E não era para menos, ela e a tia sempre foram muito amigas. Eu compreendo... Talvez se tivesse acontecido num outro dia qualquer... Ela talvez reagiria de outra forma.

O que tentava ela contar-me? Por que não dizia logo? Quanto suspense! Daria para escrever um livro!

- Eu li o diário de Julita.
- Di... Diário? Sussurrei.
- Eu suspeitava que ela tivesse um diário, mas não tinha certeza.

Naquela noite, Julita o esqueceu sobre a cama, entre as cobertas. E

enquanto ela tomava banho, eu li. Que estúpida! Eu... Eu não sabia fingir, e quando ela entrou no quarto, contei o que havia feito. Eu era ingênua e tola. E a adorava. Como poderia esconder? Lembro-me como se fosse hoje. A expressão no rosto dela, a voz estridente, o pavor por eu ter descoberto o seu segredo...

- Você o que? Inquiriu ela, aos berros.

- Eu li o seu diário, Julita! O que é que tem de mais? Você deixou aqui na cama... Tentei explicar.

Ela não me deu ouvidos:

- Mas não era para ler!

- Eu... Eu... Sinto muito.

Ela arrancou o caderno da minha mão.

Andava como uma louca pelo quarto, abraçada ao diário.

- Eu só olhei... Você pode confiar em mim! Você sabe que pode!

- Você leu... Você leu... Murmurava ela, sem parar.

- Julita, esse diário daria um livro! Um romance! Uma história de mistério e amor!

De súbito, ela abriu a janela e ordenou:

- Saia, Salete! Você traiu a minha confiança. A partir deste momento não somos mais amigas.

- Eu juro, eu não conto para ninguém! Julita, eu juro! Me perdoa! Implorei.

- Saia agora!

Salete baixou a cabeça. Olhou fixamente para o tapete aos nossos pés. Depois continuou:

- Pulei a janela, como fazíamos para entrar no quarto uma da outra. Atravessei o quintal, a grama molhada. Pulei a cerca e vim dormir em casa. Daquele dia em diante, Julita não falou mais comigo. Não me perdoou. Eu nunca contei a ninguém o que li naquele diário!

Pensei em perguntar o que havia no diário. Abri a boca, porém tive receio. E se ela nada revelasse?

- Você quer saber o que eu li naquele diário, não quer?

- Claro eu quero. Respondi, sincera.

- Não há mais motivos para eu não falar. Foi ela mesma que revelou com aquele livro... Confesso que admirei a coragem dela em colocar muito do seu diário no livro... Também não teria por que esconder. Afinal, só eu

sei o que havia no diário de Julita, mais ninguém. Já faz mais de dez anos e eu não esqueci...

Silêncio.

Ela também sabia prolongar o suspense. Já não parecia uma personagem plana, como demonstrou ser quando a conheci. Julita a conheceu bem e por certo soube aproveitar todas as suas características para compor Berenice.

- Julita se apaixonou pelo próprio padrasto!

- Exatamente como Luísa, no livro!

- Quase. Advertiu ela.

- Quase?

- No livro há um... exagero quanto a certos acontecimentos. O padrasto nem tomava conhecimento dela! Não dava a mínima! Para ele era como se ela nem existisse... Julita vivia na cozinha, com a tia, ou trancada no seu quarto, ou aqui em casa. Ele quase não a via... Porém, tenho certeza, ela vivia de olho nele!

Respirei fundo.

Pobre Julita!

- E o gato, então? Quanta bobagem! Continuou ela.

- O gato Lustô?

- É, era um bicho nojento que apareceu na vizinhança. Gato de rua. O padrasto o alimentou, deu esse nome esquisito e Julita passou a venerar esse gato. Levava o bicho para o seu quarto... Ela não o ganhou, como escreveu no livro! Bobagem!

- E a mãe dela nunca suspeitou de nada?

- Não. Não havia vestígio algum dessa paixão. Nem eu, a sua melhor amiga, suspeitava... Só quando li o diário.

Senti pena de Julita Leonora Lins. A solidão na adolescência, por causa de uma paixão proibida, deve ter despertado nela todos aqueles fantasmas. E ela ainda os carregava consigo. Convivia com eles. Dividia espaço no próprio apartamento.

- O padrasto é aquele que Marita me apresentou? O que cuida do jardim?

- Não. Logo depois que Julita partiu para estudar longe de casa, o romance entre a mãe dela e o padrasto começou a esfriar. Não durou muito. Quando ele passou a morar com elas, eu e Julita tínhamos quinze anos. Ela saiu de casa aos dezoito.

Dos quinze aos dezoito não deve ter sido um período fácil para a escritora, podia imaginar!

- Quando você falar com Julita, diga que... eu mandei um abraço.

- Eu digo, sim. Vocês eram muito amigas mesmo, não eram?

- É engraçado, mas, eu ainda me sinto amiga dela... Eu que continuei aqui, no mesmo lugar... Para mim foi muito difícil continuar sem a amizade dela. Talvez um dia ela me perdoe.

Talvez a publicação do livro tenha sido o primeiro passo para perdoar Salete. Colocá-la como personagem na história pode ter sido parte do processo. Acho que Salete tinha grandes chances de ser perdoada.

Sobre a mesinha, no canto da sala, havia alguns porta-retratos. Três, para ser exata.

Ela percebeu o meu olhar curioso.

- Na primeira foto é a minha família. Meus pais, meu marido, eu e as crianças. Na segunda, eu e Julita quando éramos pequenas.

Na terceira foto, um casal posava atrás de uma garota.

- Aquela é Julita, não é?

- É sim. Eu bati a foto.

- São os pais dela?

Salete segurou o porta-retratos. Retirou a fotografia. Entregou-me.

- Esta é Marita, a mãe dela e este, o padrasto.

- O padrasto que ela...

Afirmou, silenciosa.

Fixei meu olhar na fotografia. Inclinei-a na direção da claridade da janela. Intrigada, perguntei:

- Qual o nome dele?
- Está escrito atrás da foto.

Virei e li. Estavam ali, os nomes dos três.

Ao sair da casa dela, encontrava-me ainda mais confusa, com a cabeça repleta de informações. A noite descera sem que percebêssemos.

No carro, abri a bolsa. Procurei pelo aparelho celular.

Disquei.

- Alô? Professor? Aqui é a Fabiana.
- Fabiana? O que houve?
- Preciso conversar com o senhor, professor!
- Não pode esperar até amanhã?
- Eu sei que é tarde, mas é importante. Eu descobri muitas coisas e queria dividir com o senhor.
- Está certo. Eu vou lhe passar o meu endereço.
- Obrigada.

Pessoas e Personagens

“- Luísa, você não está se envolvendo demais com esse adolescente?”

- Não, Sara. Eu sinto que ele precisa de ajuda. É um bom rapaz. Eu o tenho observado! Seu rendimento vem declinando a cada aula. Algo de muito ruim está acontecendo e eu quero ajudar. Ele precisa se abrir comigo, você entende? Só que aqui na escola eu já tentei. Ele se recusa a comentar o que quer que seja sobre a sua vida particular. Parece uma concha! Receio que cada vez fique mais distante dos amigos...

- Ele teve problemas ontem, na hora do lanche. Você soube?

- Eu soube sim. Fiquei chocada! Afinal, quem começou a briga?

- Não sei ao certo. Acho que nem os rapazes souberam dizer. Alguém fez um comentário e ele não contou tempo, enfiou a mão na cara do outro. Foi difícil separá-los.

- Veja como ele anda alterado, Sara! Ele sempre foi um menino quieto! Nunca se envolveu em briga alguma!

- É, isso eu concordo com você.

- Eu vou procurar os pais de Tasso, explicar a eles o que anda acontecendo com o rapaz na escola. As notas dele têm baixado muito em relação ao semestre passado.

- É, eu sei. Na minha disciplina ele nem apresentou o trabalho. Os membros da equipe ficaram chateados por ele não ter feito a sua parte.

- Pobre rapaz. Comentei.

- Talvez fosse melhor a escola chamar os pais dele para uma reunião. Sugeri.

- Mas isso já foi providenciado. Você não sabia?

- Não. E o que ficou resolvido?

- Nada. Eles não compareceram.

- Não compareceram? Talvez nem tenham ficado sabendo. O rapaz não deve ter-lhes entregue o bilhete da diretora.

- Ele desculpou-se dizendo que os pais estavam viajando. Se foi verdade ou não, eu não sei. Afirmei, pensativa.

- Então você está decidida mesmo a procurá-los?

- Estou. Mas, não como professora e sim como amiga. Nós temos conversado bastante nesses últimos dias. Entretanto, ele desconversa quando o assunto ultrapassa os muros da escola.

Naquela tarde mesmo eu segui em direção ao endereço de Tasso.

A chuva forte me fez parar duas vezes. Estacionei no acostamento. Esperei. Olhei novamente o endereço. Estava no rumo certo. Não conhecia aquela parte da cidade. Precisaria, talvez, de alguma informação, se encontrasse alguém a desafiar aquela chuva, pelas ruas.

Após alguns instantes, retomei o caminho.

Os vidros do carro embaçados não me permitiam ler as placas com os nomes das ruas. Tentei limpar um pequeno círculo a minha frente, com a manga do casaco. Estaria no caminho certo?

Devagar. Precisava ir devagar.

É aqui! Disse para mim mesma.

Freei bruscamente.

Engatei a ré e virei a direita numa estrada quase deserta. Alguns esqueletos de concreto, que futuramente tomariam a forma de prédios residenciais, ocupavam um grande terreno logo na esquina. Uma ou outra casa passava por mim, rodeada de terrenos baldios.

Julguei estar perdida. Parei.

Olhei ao redor.

Diante dos meus olhos surgiu a casa de Tasso.

Desliguei o motor.

Abri a porta. Sai, mas não me afastei do carro.

Aquela casa... Era como voltar à infância! A árvore perto da entrada... Não era um salgueiro, não! Os galhos, apontando para o céu, não desciam até o gramado. Tocavam com as folhas as janelas da casa, como longas garras de dedos verdes. Plantas cresciam com liberdade e algumas trepadeiras escalavam as paredes. Se a luz da tarde não banhasse o local deixando-me ver por onde deveria passar quando ali entrasse, eu desistiria da visita. Mesmo assim, demorei a me decidir se tomava o rumo de casa ou me aventuraria naquele jardim selvagem.

Suspeitei não haver ninguém em casa. As janelas, fechadas, exibiam por detrás das vidraças, grossas cortinas.

Seria prudente arriscar?

Pensei em Tasso. Pensei em seus pais que talvez desconhecassem os problemas por ele enfrentados.

Abri o portão.

O mato, em longas hastes, enlaçava-se em minhas pernas e molhava o tecido da minha calça.

Chegando à entrada, aproximei-me da porta.

Bati.

Aguardei. Nada.

Nem um vulto. Nem um som chegou aos meus ouvidos. Naquele jardim, até os pássaros haviam-se recolhido. Seria por causa da chuva?

Insisti. Desta vez com mais força. Fechei a mão, bati com os nós dos dedos na madeira.

Cruzei os braços e já ia me afastar quando ouvi um suave ranger do lado de dentro.

A porta fora aberta.

Dei um passo para trás, quando a figura de um homem surgiu da escuridão daquela casa.

Fixou seus olhos claros em mim, a expressão perturbada de quem havia sido resgatado das sombras.

Engoli em seco e tive dificuldade para falar.

Levei a mão aos lábios e pigarreei.

- Desculpe incomodá-lo. O meu nome é Luísa. Eu sou professora do Tasso... É aqui que ele mora, não é?

- É sim. Eu sou o pai dele. Falou, passando a mão pelos cabelos desgrehados. O meu nome é Francis.

No último capítulo! Exatamente no último capítulo eu consegui colocá-lo na história. Assim, naturalmente, ele se encaixou na trama. E passou a chamar-se Francis. Francis! Ele que tanto me incentivou a escrever e viveu comigo nos últimos dias, finalmente pertencia ao seu próprio mundo. O universo da ficção.

Naquele instante compreendi o motivo do surgimento do adolescente problemático no caminho de Luísa. Francis era o pai do rapaz. Tudo se encaixava! E estando Luísa preocupada em ajudar o garoto, procurou a família dele. Descobriu que ele não tinha mãe, o pai enviuvara há alguns anos e vivia tão solitário quanto o filho, num local afastado, lembrando muito a casa sinistra. Talvez até fosse. Pois, o amor dela já não era mais por Nathanael. Ela, já não se mostrava como a ingênua Luísa da primeira história. Aquela bem poderia ser *A Casa Sinistra*. Eu sabia que era. Como se aquele adolescente fosse o filho de Florina e Nathanael. Com Florina excluída da história, Luísa voltava para os braços do padrasto. Mas, Luísa amadurecera e descobriu no antigo amor um homem diferente: Ele seria Francis. Este segundo livro eu chamaria: *Os Segredos da Casa*. Onde tudo começou, tudo deve terminar.

Ali estava ele!

Olhei para o papel. Mais precisamente para a palavra: Francis.

A partir do primeiro encontro das duas personagens, Luísa não pensava mais em encontrar Nathanael! Um novo amor surgiu para ela. Renovado. Assim como surgiu para mim! Nathanael era o amor da adolescente. Francis apareceu para ela como um novo homem! Como ela nem suspeitava que ele fosse. Nathanael e Francis compartilhavam da mesma essência.

Eu consegui! Finalmente consegui colocar Francis no papel! E finalmente concluiria a história, deixando para as últimas linhas a decisão de Luísa morar na casa sinistra com Francis e o filho. E o retorno dela provou o que eu já sabia: por mais longe que se vá, um dia é preciso voltar.

Respirei fundo.

Sorri.

Ouvi passos no andar de cima.

Precisava falar para Nathan! Contar para ele. Consegui inserir a personagem na história! Francis enfim tinha o seu universo.

Saí.

Subi as escadas correndo.

Abri a porta do apartamento dele.

Entrei.

Parei no centro da sala.

Olhei ao redor.

- Você aqui? Perguntei, percebendo a presença de mais alguém.

- Julita, eu...

Não consegui ordenar os pensamentos. O que ela estava fazendo ali? Por que se encontrava no apartamento de Nathan? Então, cheguei à triste conclusão: ele havia descoberto o meu segredo!

Ele sabe! Ele sabe! Meu Deus! Ele sabe! Pensei comigo, desesperada.

Tentando manter a calma, falei:

- Fabiana, eu suportei as suas intromissões... Você pensa que me conhece porque leu um livro? Acha que toda a minha vida está ali? Gritei.

- Julita, Nathan é o meu professor orientador do mestrado! Explicou ela.

Olhei para ele.

- Orientador? Você é o orientador dela? E ela está analisando o meu livro?

- Como eu iria saber que você era a escritora J. Lins? Por que você não me contou, Julita? Por que não me disse quem realmente era? Perguntou, ele.

- Agora é tarde, Nathan! Fabiana já lhe contou, não foi?

- Mas eu preferia ter ouvido de você!

- Nathan, eu não sou mais aquela adolescente e você não é mais o meu padrasto! Somos pessoas bem diferentes.

- Eu sei Leonora... Julita. Mas, veja bem, você sabia quem eu era, mas eu não sabia quem você era!

- E se você soubesse? Teria se aproximado de mim? Teria dormido comigo?

Ele virou-se para Fabiana. Disse:

- Nos encontramos amanhã na minha sala, na universidade, está bem?

Ela concordou, em silêncio.

Baixou a cabeça. Talvez também estivesse chocada.

Tomou a direção da porta. Ao passar por mim, falou:

- Eu sinto muito.

- Você fez a sua parte. Ah, eu terminei o livro que escrevia.

Consegui colocar a personagem dentro da história.

- E que nome você deu para ela?

- Francis. Na verdade era um homem. Completei.

- E você também o tirou de Ilusões Perdidas, por causa de “Nathan”.

Não é Julita?

- Para você não existe coincidência, Fabiana? Bem, de qualquer modo, talvez você também se reconheça como personagem. Ou talvez não...

Vi surgir no rosto dela um largo sorriso.

- E eu? Também estou no livro? Perguntou ele, após Fabiana sair.

- Você possivelmente não se reconheça em Nathanael, assim como, quem sabe, não se reconheça em Francis.

- Mas, Fabiana disse que A Casa Sinistra é sobre mim!

Nathanael era o amor visto por uma adolescente, descrito no diário e interpretado por alguém que já não se encaixava naquele romance. Francis também não era exatamente ele. Ele não era Nathanael. Não era Francis.

- Eu criei uma imagem muito diferente de você! Só agora eu posso dizer que o conheço, Nathan.

- Eu me apaixonei por você, Leonora. A adolescente Julita, eu quase nem conheci.

- Eu sei. E eu me apaixonei duas vezes pelo mesmo homem. Mas, desta vez eu não vou fugir. Completei.

- Foi por isso que você saiu de casa... Eu não sabia...

Segurei suas mãos quando ele as ergueu na minha direção.

De um fato eu tinha certeza: Nathan seria para sempre a minha inesgotável fonte de inspiração. Não importava que nome eu lhe desse – Nathanael, Francis ou qualquer outro nome que eu ainda viesse a usar.

Conclusão

Com este trabalho, surgem questionamentos, muitas vezes, trazidos à tona pelos teóricos e romancistas. Podemos observar que a criação literária guarda mistérios de que os próprios autores muitas vezes têm apenas vaga consciência. Analisar os depoimentos e o modo como alguns escritores lidam com a sua criação ajuda a conhecer e a desvendar esses mistérios da criação literária.

Alguns autores, ao tentarem explicar como criam, acabam explicando a si mesmos. Do que o autor necessita para compor a sua obra? Solidão? Inspiração? Não basta isolar-se do mundo. Não basta buscar inspiração, ou qualquer outro estímulo. O trabalho, a disciplina, a paixão pelo que faz absorvem o criador na sua criação.

Escrever é dar o seu testemunho sobre o mundo. É compartilhar as suas observações com o leitor. Ao criar, o escritor torna públicas as suas idéias, o seu pensamento.

Ao criar a sua obra, o autor concede vida a seres que povoarão as suas histórias. Desdobra-se em personagens e confere a elas características e, muitas vezes, liberdade no texto. De onde o autor tira as suas criaturas?

Pode uma personagem impor-se como sendo superior ao seu criador? Ninguém pode doar o que não possui, a personagem expressa a verdade do autor. Quando cria, o autor deixa fluir sentimentos há muito vividos e, às vezes, esquecidos.

A produção deste romance possibilitou, através da história de uma personagem escritora, exemplificar rituais na criação literária. A ficção e a realidade mesclam-se e ultrapassam tênues limites entre o real e o imaginado. Situações compartilhadas com alguns autores, conforme seus depoimentos.

Mesmo não sendo Sainte-Beuveismo, pode-se, de certo modo, dizer que o autor é a sua obra. Através do que cria, o autor vive e, ao observar a própria criação, talvez seja capaz de desvendar os mistérios da criação literária.

Bibliografia

1. BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria romance*. São Paulo : UNESP/HUCITEC, 1993.
2. BALZAC, Honoré de. *A comédia humana*. Rio de Janeiro : Globo, 1952. v. IX.
3. _____ *A comédia humana*. Rio de Janeiro : Globo, 1966. v. II.
4. _____ *Ilusões perdidas*. Porto Alegre : Globo, 1959. v. VII.
5. _____ *A comédia humana*. 2.ed. Rio de Janeiro : Globo, 1949. v.I.
6. BARBOSA, Maria de Lourdes Dias Leite. *Protagonistas de Rachel de Queiroz: caminhos e descaminhos*. São Paulo : Pontes, 1999.
7. BARTHES, Roland. *S/Z*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1992.
8. BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo : Editora da UNB, 1996.
9. BRAIT, Beth. *A personagem*. 6.ed. São Paulo : Ática, 1998.
10. BRASIL, Assis. *Estilos e meios de comunicação*. Rio de Janeiro : Tecnoprint, 1983.
11. BRASIL, Assis. *Vocabulário técnico de literatura*. Rio de Janeiro : Tecnoprint, 1979.
12. BRITO, José Domingos de (Org.). *Por que escrevo? Mistérios da criação literária*. São Paulo : Escrituras editora, v.1, 1999.

13. BUENO, Francisco da Silveira. *A arte de escrever*. 8.ed. São Paulo : Saraiva, 1952.
14. CANDIDO, Antônio, ROSENFELD, Anatol et alii. *A personagem de ficção*. 9.ed. São Paulo : Perspectiva, 1998.
15. CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. São Paulo : Estação Liberdade, 1996.
16. CHRISTIE, Agatha. *Passageiro para Frankfurt*. Rio de Janeiro : Record, c1950.
17. COLASANTI, Marina. *Contos de amor rasgados*. Rio de Janeiro : Rocco, 1986.
18. DOURADO, Autran. *Uma poética de romance: matéria de carpintaria*. São Paulo : Difel, 1976.
19. DUTRA, Júlio Basadona. *Holdemar Menezes: Personagens e reflexões*. Florianópolis : Academia Catarinense de Letras, 1996.
20. FEHÉR, Ferenc. *O romance está morrendo?* São Paulo : Paz e Terra, s.d.
21. FEINMAN, Jeffrey. *O mundo misterioso de Agatha Christie*. 2.ed. Rio de Janeiro : Record, c1975.
22. FORSTER, E. M. *Aspéctos do Romance*. Porto Alegre : Globo, 1969.
23. FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro : Imago, 1997.
24. GENETTE, Gerard. *O discurso na narrativa*. Lisboa : Veja/Universidade, s.d.
25. HARRIS, Thomas. *As relações do bem-estar pessoal*. São Paulo : Círculo do livro, s.d.

26. JUNKES, Lauro. *AUTORidade e Escrituras*. Florianópolis : ACL/Ed. da UFSC, 1997.
27. JUNKES, Lauro. *O mito e o rito*. Florianópolis : UFSC, 1987.
28. KOTHE, Flávio René. *A narrativa trivial*. Brasília : Editora UNB, 1994.
29. LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. São Paulo : Ática, 1985.
30. LISPECTOR, Clarice. *De corpo inteiro*. São Paulo : Siciliano, 1992.
31. LOPES, Cícero Galeno (Org.). *Textos e Personagens: estudos de literatura brasileira*. Porto Alegre : Sagra: DC Luzzatto, 1995.
32. LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio sobre as formas da grande épica*. São Paulo : Duas cidades; Editora 34, 2000. (coleção espírito crítico)
33. MAINGUENEAU Dominique. *O contexto da obra literária*. São Paulo : Martins Fontes, 1995.
34. MOISÉS, Massaud. *A criação literária: introdução à problemática da literatura*. São Paulo : Melhoramentos, s.d.
35. MONTEZUMA, Helena. *Noções de estilo*. Rio de Janeiro : Tecnoprint, s.d.
36. MORRISON, Bryce. *LISZT*. Rio de Janeiro : Tecnoprint, 1992.
37. *Mulheres Imortais*. São Paulo : Melhoramentos, 1973. v. 2.
38. NIETO, Ramón. *O ofício de escrever*. São Paulo : Agra, 2001.
39. POUILLON, Jean. *O tempo no romance*. São Paulo : Cultrix/EDUSP, 1974.
40. POUND, Ezra. *ABC da literatura*. São Paulo : Cultrix, s.d.

41. REIS, Carlos, LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo : Ática, 1988.
42. RIESS, C. *História de grandes best-sellers: os autores e seus sucessos literários*. Rio de Janeiro : Renes, c1966.
43. RILKE, Rainer Maria. *Carta a um jovem poeta*. 13. ed. Rio de Janeiro : Globo, 1985.
44. RÓNAI, Paulo. *A Vida de Balzac*. Rio de Janeiro : Tecnoprint, s.d.
45. ROSENFELD, Anatol. *Texto/ Contexto*. São Paulo : Perspectiva, s.d.
46. SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. São Paulo : Companhia das Letras, 2003.
47. SAID, E. *Cultura e imperialismo*. São Paulo : Companhia das Letras, s.d.
48. SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Como se faz literatura*. Rio de Janeiro : Vozes, 1985. (coleção fazer).
49. SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* 2.ed. São Paulo : Ática, 1993.
50. SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo : Brasiliense, 1999.
51. SHÜLER, Donaldo. *Teoria do romance*. São Paulo : Ática, 1989.
52. SOARES, Angélica. *Gêneros Literários*. 6.ed. São Paulo : Ática, 2001. (Série Princípios)
53. SODRÉ, Muniz. *Best-sellers: a literatura de mercado*. 2.ed. São Paulo : Ática, 1988. (Série Princípios)
54. SOUZA, Roberto Acízelo de. *Teoria da Literatura*. 8.ed. São Paulo : Ática, 2002. (Série Princípios).
55. STEEN, Edla Van. *Viver & Escrever*. Porto Alegre : L&PM, 1981, v.1.

56. STEEN, Edla Van. *Viver & Escrever*. Porto Alegre : L&PM, 1982, v.2.
57. STEVICK, Philip. *The theory of the novel*. New York : The Free Press, 1967.
58. TAVARES, Paulo. *Criaturas de Jorge Amado*. São Paulo : Martins, s.d.
59. VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. São Paulo : Zahar, 1979.
60. VILLARI, Rafael Andrés. *Literatura e psicanálise: Ernesto Sabato e a melancolia*. Florianópolis : Ed. da UFSC, 2002.
61. WATSON, Derek. *LISZT*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1994.
62. WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1981.
63. WILSON, Edmund. *O castelo de Axel*. São Paulo : Cultrix, 1993.